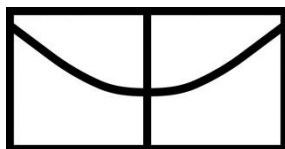


**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**“Guerra do Futebol”:
Esporte, espaço nacional e conflito na América Central, 1969.**

Bruno Alves Dourado Pereira

Brasília,
Dezembro de 2015



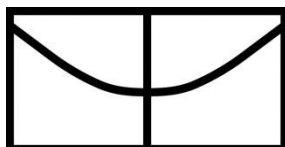
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Bruno Alves Dourado Pereira – 11/0009495

**“Guerra do Futebol”:
Esporte, espaço nacional e conflito na América Central, 1969.**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Jaime de Almeida.

Brasília,
Dezembro de 2015



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

BRUNO ALVES DOURADO PEREIRA

**“Guerra do Futebol”:
Esporte, espaço nacional e conflito na América Central, 1969.**

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Jaime de Almeida

Primeiro Membro: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal

Segundo Membro: Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes

Brasília, 2015.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar o conflito bélico ocorrido entre El Salvador e Honduras, em 1969, chamado “Guerra das Cem Horas” ou “Guerra do Futebol”. Visamos analisar os elementos constituintes desse conflito, bem como o contexto histórico que o produziu. A partir disso, buscamos mostrar o papel do esporte – futebol – na construção das animosidades entre os dois países, e como ele influenciou o decorrer das hostilidades. Percebemos que vários fatores levaram os dois países à guerra, e que o futebol tem protagonismo principalmente no fortalecimento da opinião pública salvadorenha e hondurenha a favor do conflito. Assim, procuramos mostrar as fases do conflito e seu fim, destacando a relevância o esporte através de fontes e bibliografia específica.

Palavras-chaves: Guerra das Cem Horas; América Central; Futebol; Conflito; Identidade.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the armed conflict between El Salvador and Honduras, in 1969, called “Soccer War”. We aim to analyze the elements that constitute this conflict, such as the historical context that produced it. From that, we’ll show the role that soccer played in the animosity between the two countries, and how it influenced the hostilities. It is our understanding that several factors induced the war, and the soccer was protagonist mainly in the strengthening of the public opinion – in both countries – in favor of the conflict. By that, we aim to demonstrate the phases of the war and its finalization, highlighting the relevance of soccer using different sources and bibliography.

Keywords: Soccer War; Central America; Soccer; Conflict; Identity.

AGRADECIMENTOS

Agradecer por tudo que nos aconteceu e acontece – sejam coisas boas ou ruins – se torna uma tarefa difícil no sentido em que na maioria das vezes queremos lembrar todos aqueles que contribuíram, fica cada vez mais fácil esquecer alguém. Querendo evitar embaraços, serei breve, porém incisivo.

Sou grato a toda minha família pelo suporte dado ao longo desses anos de graduação. Voluntária ou involuntariamente, todos fazem parte da pessoa que sou hoje. Aos avós, tios e tias, primos e primas, irmãos e cachorros o meu sincero agradecimento.

Um especial “obrigado” ao meu querido pai, que mesmo distante fisicamente sempre destacou que a educação é o caminho para uma vida próspera e me incentivou a seguir em frente. Devo render eternas odes a minha amada mãe, que mesmo tendo partido do plano terreno há alguns anos, deixou em vida um de seus maiores exemplos: foi a primeira pessoa de uma família de poucas oportunidades a conquistar o diploma universitário, mesmo aos 37 anos de idade, naquilo que mais a encantava: a educação.

Aos meus amigos de longa e curta data, aos colegas, confrades e conhecidos que estiveram ao meu lado de alguma forma durante as disciplinas, as refeições no RU, nos ônibus lotados, com os quais compartilhei inúmeras experiências edificantes ao longo da graduação e da vida. As críticas e elogios dessas pessoas contribuíram de forma decisiva para o meu sucesso pessoal. Também dedico minha gratidão aos chefes e colegas dos estágios por onde passei, pois toda a vivência nesses espaços foi preciosíssima.

Poucas palavras podem expressar a minha felicidade em ter feito parte da Universidade de Brasília, instituição que me possibilitou viver da maneira mais intensa por alguns anos e que me abriu as portas para o incrível mundo acadêmico. Tenho especial apreço pelos professores do HIS e da UnB em geral no qual tive oportunidade de ter aulas, em especial aos professores da área de História da América. Também a Leila, funcionária da secretaria. A vocês, o meu sincero abraço.

Ao estimado Prof. Dr. Jaime de Almeida, toda a minha admiração, por ter colaborado como poucos na realização da presente pesquisa. Seu apoio, compreensão e dinâmica de trabalho, sempre incentivando a liberdade de criação, foram fundamentais para o sucesso desse trabalho. Muito obrigado.

Devo aqui registrar o inestimável auxílio prestado a mim pela Biblioteca Nacional de El Salvador e pela Embaixada Da Costa Rica em El Salvador, por ceder parte das fontes que utilizei no presente trabalho.

Embora esteja me alongando em demasia, não posso deixar de agradecer aqueles que fazem a nossa sociedade funcionar, mas que persistem em ser invisibilizados por ela. Refiro-me aos faxineiros, serventes, cozinheiros do RU, motoristas dos ônibus, cobradores, porteiros, secretários, vendedores ambulantes, pedintes, atendentes, funcionários da UnB, transeuntes anônimos. Por mais que muitas vezes ignoremos essas pessoas, o fato de refletirmos o porquê de elas existirem, os motivos pelo qual elas estão onde estão faz parte da construção do nosso eu.

Por fim, agradeço do fundo do coração a Luiza Moretti, que caminhou comigo em todos os momentos importantes da minha vida nos últimos dois anos. Seu companheirismo irrestrito e seu imenso incentivo contribuíram irrevogavelmente para que o presente trabalho fosse materializado de forma inteligível.

Ao leitor que agora passeia com seus olhos por essas singelas palavras, e que pretende ainda percorrer o restante do presente trabalho, sinta-se contemplado com o meu afeto final, pois não existe conhecimento que tenha sido produzido para ficar encarcerado.

*“Não aceite a condição de aluno.
Produza apesar da universidade.”*
Das paredes do CAHIS Sérgio Barreira/UnB

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1. AMÉRICA CENTRAL: NOTAS HISTÓRICAS	14
1.1 El Salvador	16
1.2 Honduras	20
Capítulo 2. GUERRA DAS CEM HORAS	27
2.1 Nervos a flor da pele	28
2.2 Jogo de sombras	37
Capítulo 3. FUTEBOL: IDENTIDADE E NACIONALISMO	43
3.1 Sobre as origens e difusão do futebol	43
3.2 A nação no campo de jogo	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

Em julho de 1969 ocorreu um conflito armado entre El Salvador e Honduras, com duração de aproximadamente cem horas, ou quatro dias. O presente trabalho busca compreender tal conflito a partir do papel que um esporte – o futebol – desempenhou na alimentação de um sentimento nacional e xenófobo, contribuindo para o acirramento das inimizades e a deterioração das relações entre os dois países.

Seria possível que o futebol fosse determinante para essa disputa, visto que fatores internos e discordâncias quanto às fronteiras, além de uma grave crise migratória poderiam ter contribuído para o início das hostilidades? El Salvador e Honduras, apesar de possuírem raízes similares – ambos foram domínios espanhóis durante o período colonial –, seguiram um desenvolvimento distinto ao longo do século XIX, diferenças que se acentuaram cada vez mais ao decorrer da primeira metade do século XX.

Com economias baseadas na exportação de bens primários e no domínio quase total de empresas multinacionais, o capital que financiava a fraca estrutura econômica dos dois países tinha sua origem principalmente na Inglaterra e depois, com o fim da Primeira Guerra Mundial, passou para as mãos dos Estados Unidos. Privilegiando o cultivo dos seus produtos agrícolas mais rentáveis, a atividade industrial pouco se desenvolveu e gerou uma forte dependência de bens de consumo importados.

As forças políticas dominantes, que desde 1870 seguiam uma orientação mais liberal, primavam pela manutenção do poder estabelecendo uma série de golpes de estado e ditaduras com a justificativa de progresso e desenvolvimento. A tradição democrática foi praticamente nula até 1945, quando o fim da guerra na Europa trouxe novas perspectivas para a região. Esse fato não impediu que a elite política continuasse a impor suas vontades face às reivindicações de outros setores da sociedade, até mesmo depois da “Guerra das Cem Horas”.

O período entre 1870 e 1969 foi permeado de mudanças no pensamento das sociedades hondurenha e salvadorenha. A organização de trabalhadores, rurais e urbanos, em associações e sindicatos, representou o início formal de uma consciência de classe nunca antes vista na região, embora tenham sido sufocados na maioria das vezes em que tentaram iniciar uma luta contra os abusos de grandes proprietários de terras, empresas multinacionais e os próprios governos autoritários.

O crescente fluxo migratório de salvadorenses em direção a Honduras, realidade presente desde a década de 1930, fez explodir uma crise diplomática em 1969. A derrota da seleção nacional hondurenha, em jogo realizado em El Salvador valendo a chance de participar do Campeonato Mundial de Futebol de 1970, causou uma onda de repulsa e xenofobia aos salvadorenses imigrantes. Os quase 300.000 salvadorenses residentes em Honduras foram vítimas de severas retaliações, desde a expulsão de suas casas até a morte, em alguns casos, e parte desses imigrantes foram empurrados de volta a El Salvador.

O conflito que se seguiu à crise diplomática teve muitas expectativas e poucas ações reais. A “Guerra das Cem Horas” abalou o sistema interamericano e evidenciou a hegemonia da diplomacia estadunidense no continente, que pressionou direta e indiretamente as negociações pelo cessar-fogo. Mesmo com a duração curta para uma guerra convencional, o conflito deixou diversos pontos da fronteira arrasados e um saldo de aproximadamente 6.000 mortes, entre combatentes e população, de ambos os países. Visto isso, uma das perguntas centrais desse trabalho é: qual a relação entre o futebol e o conflito bélico entre esses dois países da América Central?

A pesquisa que originou o presente trabalho teve seu início efetivo no ano de 2013, no contexto de uma disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Jaime de Almeida e dedicada ao desenvolvimento de estudos introdutórios relacionadas a temáticas americanistas. O interesse pela História da América, cultivado desde o ingresso na Universidade de Brasília, em 2011, foi mais um fator que incentivou a realização deste trabalho. As disciplinas da área – História da América 1, 2 e 3 – alimentaram cada vez mais a vontade de se dedicar ao estudo do tema.

A vontade de ir além do tradicional coincidiu com as novas tendências historiográficas relacionadas aos estudos americanistas, conforme aponta Jurandir Malerba, que assistiu o surgimento de uma “nova história política e cultural (...) nas décadas de 1980 e 1990” e incluiu diversos campos ricos em possibilidades de estudos, incluindo a história do esporte¹. Isso fez com que o tema da presente pesquisa privilegiasse o estudo da História da América a partir preferência por um assunto que geralmente não possui destaque no âmbito acadêmico² do curso de História da UnB.

¹ MALERBA, Jurandir. Nuevas perspectivas y problemas. In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Historia general de América Latina: Teoría y metodología em La Historia de América Latina**. UNESCO, 2006, pp. 63-65.

² Existem hoje no Departamento de História da Universidade de Brasília estudantes de graduação que são entusiastas do estudo do futebol e dos esportes em geral como um objeto da história. Entretanto, esse

Podem ser encontradas referências a esse conflito como “Guerra das Cem Horas” – na historiografia e nos meios acadêmicos – ou como “Guerra do Futebol” – nos meios de comunicação e nas mídias de massa. Neste trabalho preferiu-se utilizar “Guerra das Cem Horas”, pois “Guerra do Futebol” remete ao futebol como principal agente do conflito, como o que iniciou a guerra, e não como apenas um dos elementos de acirramento das inimizades.

Em um primeiro momento, a referência a uma “guerra do futebol” encontrada em um livro despertou uma dúvida acerca do protagonismo atribuído ao esporte em relação ao conflito. Buscamos investigar as possíveis causas desse protagonismo com a contribuição do “método indiciário” de Carlo Ginzburg³. Lançando mão de um método investigativo centrado na análise dos pormenores, das minúcias, dos detalhes reveladores, o contexto da América Central é destrinchado de maneira a serem analisados aspectos marginais e tidos como secundários, também considerando o futebol como um elemento social e político, visto como um fator preponderante de influência nas sociedades hondurenhas e salvadorenhas, em meio ao caos que a região atravessava.

A organização dessas massas em comunidades imaginadas⁴ despertou outra possibilidade de análise. Os indivíduos, uma vez que se reconhecem como integrantes das disputas esportivas criam uma identificação entre si e com os elementos que compõem o jogo, sejam as cores nacionais utilizadas ou no estilo de jogo de cada time ou com os próprios jogadores que os representam no jogo. Essa mobilização identitária possivelmente foi um dos fatores que levaram à radicalização das hostilidades entre El Salvador e Honduras antes e durante o conflito armado.

Para construir a narrativa do presente trabalho foram utilizadas fontes primárias, bibliografia sobre a região e sobre o conflito e bibliografia especializada em futebol e suas múltiplas relações. A análise das fontes abrangeu dois tipos de documentos. A

entusiasmo ainda é informal e muitas das vezes manifestado somente em breves estudos isolados feitos durante disciplinas da graduação. Houve por algumas vezes a intenção de criar grupos de estudos sobre o tema e um deles, “Grupo de Estudos do Esporte”, formado somente por estudantes da graduação, atuou de forma inconstante entre fevereiro e agosto de 2014, sendo desativado logo depois. Em uma breve pesquisa na Biblioteca Digital de Monografias da UnB (<http://bdm.unb.br/>), dentre as 99 monografias defendidas por alunos da graduação do curso de História entre 2009 e 2015, apenas uma se dedica ao estudo do tema como objetivo principal e outra usa um estudo de caso para complementar o tema principal da pesquisa.

³ GINZBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴ ANDERSON, Benedict. *Raízes culturais*. In: _____. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

primeira fonte foi o periódico salvadorenho “El Diario de Hoy”, em específico as publicações entre os dias 24 de junho e 30 de junho de 1969. Por questões logísticas, não foi possível conseguir fontes de periódicos hondurenhos. A segunda fonte consistiu na análise pormenorizada do fundo “Soccer War” da série “american republics” do Departamento de Estado dos Estados Unidos e disponíveis on-line⁵, composto por 13 documentos produzidos entre julho e outubro de 1969. Por questões de relevância, só foram usados no presente trabalho os documentos produzidos no mês de julho.

A bibliografia se divide em duas partes. A primeira parte se baseia em autores americanistas que discutem o contexto político, social e econômico da América Central e América Latina no decorrer dos séculos XIX e XX e autores especializados na leitura crítica do conflito entre El Salvador e Honduras em 1969. A segunda parte da bibliografia se baseia em autores que entendem o futebol como objeto de estudo no campo das ciências humanas e o relacionam com os vários elementos que compuseram o conflito entre salvadorenhos e hondurenhos, tais como a identidade nacional, as relações entre esporte e sociedade, dentre outros⁶.

A partir disso, o presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, “América Central: notas históricas”, procuramos entender a conjuntura da América Central, considerando os aspectos sociais, econômicos e políticos e como esses aspectos contribuíram para a situação interna de El Salvador e Honduras entre 1870 e a década de 1960, período em que as tensões entre ambos os países cresceram. No segundo capítulo, “Guerra das Cem Horas”, nos concentramos mais especificamente no conflito entre El Salvador e Honduras, buscando mostrar o início do envolvimento do futebol nas hostilidades e a influência dos Estados Unidos na região. Por fim, no terceiro capítulo, “Futebol: identidade e nacionalismo”, examinamos o papel efetivo que o futebol teve no conflito entre hondurenhos e salvadorenhos, destacando a evolução histórica do jogo e os aspectos que esse esporte tem ligados a conceitos como identidade e nacionalismo.

⁵ Documentos disponíveis em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/ch19>, acesso em 27/10/2015.

⁶ O mais recente estudo sobre a relação entre esporte e nacionalismo é o livro intitulado “Sports and Nationalism in Latin/o America” organizado por Héctor Fernández L’Hoeste, Robert McKee Irwin e Juan Poblete, editado pela Palgrave Macmillan em 2015. Pelo pouco tempo disponível para uma leitura acurada da obra, infelizmente ela não pode fazer parte da bibliografia da presente pesquisa.

Capítulo 1. AMÉRICA CENTRAL: NOTAS HISTÓRICAS

Os anos entre 1870 e 1969 apresentam duas fases de desenvolvimento da América Central. Para uma melhor compreensão do contexto em que El Salvador e Honduras (Figura 1) se inserem nesse recorte temporal, no presente capítulo dividiremos esse período de acordo com essas fases⁷.

O primeiro momento, entre 1870 e 1945, se configura pela inclusão de ambos os países no mercado internacional. O segundo período, de 1945 até 1969, se caracterizou pela crise do modelo agroexportador em vigor na região. Além disso, fatores econômicos, políticos e sociais do continente – e especificamente dos dois países vizinhos – contribuíram para formar um quadro instável, que gerou desequilíbrio nas suas relações.

De 1870 a 1945, a economia baseou-se no modelo agroexportador. Os principais produtos que encabeçam a produção são o café em El Salvador e a banana em Honduras. O papel do capital estrangeiro, presente em grande medida através das multinacionais, se fortalece ao ponto de os governos obedecerem a uma dinâmica imposta pela necessidade de terceiros. Cresce cada vez mais a hegemonia dos Estados Unidos sobre a região, substituindo a presença do financiamento europeu que declinou após a Primeira Guerra Mundial⁸. Essa configuração econômica segue firme até a crise de 1929, quando o mercado internacional perde sua capacidade de absorção e a produção recua drasticamente.

O estilo de governo mais comum no período é o de longas ditaduras, cercadas de golpes na maioria das vezes apoiados pelas forças armadas. A ausência de eleições democráticas e livres torna o sistema político viciado⁹. Essa é uma característica que parece agradar as elites políticas, pois colabora na manutenção do *status quo* e geralmente não modifica as estruturas econômicas e sociais.

As sociedades hondurenha e salvadorenha ensaiam reações às inclinações liberais de seus governos. Trabalhadores do campo e da cidade iniciam a sua organização formal com associações e sindicatos, que tem seu auge nas décadas de

⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion. América Central: La era liberal, c.1870-1930. In: BETHEL, Leslie. **Historia de América Latina 9. México, América Central y el Caribe, c.1870-1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 1992, pág. 183.

⁸ FONSECA, Elisabeth. **Centroamérica: Su história**. San José: FLACSO, 1996, p. 157.

⁹ *Ibid.*, p. 194.

1920-1930, embora sempre reprimidos pela forte violência por parte do Estado¹⁰. O segundo período, entre 1945 e 1969, caracteriza-se pela crise do modelo agroexportador em vigor na região. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, as frágeis economias hondurenha e salvadorenha mantiveram um ritmo desacelerado e a produção jamais retornou ao auge pré-crise, além de o mercado consumidor ter se restringido em grande parte aos Estados Unidos¹¹. Abriu-se o precedente para o início da industrialização, mas de forma bastante tímida e desigual. A criação de um mercado comum na América Central, já nas décadas de 1950-1960, deveria desenvolver as trocas comerciais, mas acabou se mostrando protagonista de crise regional¹², pois o desequilíbrio industrial desfavoreceu a balança de Honduras, que era mais atrasada em relação aos outros membros do bloco.

O fim da guerra trouxe consigo a esperança de mudança nas práticas políticas. Os governos ditatoriais que comandavam El Salvador e Honduras aparentemente estiveram, mesmo que por alguns instantes, condenados a serem substituídos por outros que refletissem o vento pró-democrático que soprava da Europa. O mundo agora estava baseado em um binarismo ideológico, capitalismo x comunismo ou Estados Unidos x URSS, que ditaria as políticas na América de forma geral, o que se intensificou após a Revolução Cubana em 1959¹³. O combate ao comunismo internacional se transformou na nova justificativa para a escalada de golpes e ditaduras que dominaram El Salvador e Honduras¹⁴.

Novos atores sociais ganham protagonismo. Segmentos da sociedade tornaram-se mais ativos, como os estudantes universitários e secundaristas, e outros retomaram a luta iniciada anos atrás, como foi o caso dos trabalhadores urbanos e rurais. A população cresceu em ritmo acelerado em toda a América Central, mas El Salvador e Honduras sentiram impactos distintos. O primeiro teve sua densidade demográfica elevada, atingindo a incrível marca de 228 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto o segundo manteve sua baixa distribuição populacional na sua extensão territorial.

¹⁰ FONSECA, Elisabeth. **Centroamérica: Su história**. San José: FLACSO, 1996, p. 186.

¹¹ RIVAS, Edilberto Torres. América Central desde 1930: perspectiva general. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 19.

¹² BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, p. 28.

¹³ BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (orgs.). **A América Latina entre a segunda guerra mundial e a guerra fria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 42.

¹⁴ FONSECA, op. cit., p. 213.

1.1 El Salvador

Desde a década de 1870, a produção de café ganhou uma importância muito grande no cenário econômico de El Salvador. Era o principal produto de exportação do país, embora não fosse o único. A expansão do cultivo de café trouxe transformações na paisagem, nas relações com a posse da terra e na dinâmica entre o campo e a cidade.

As zonas rurais deram espaço ao cultivo intensivo do café em lugar da agricultura extensiva. O grão teve a preferência de plantio nas localidades mais suscetíveis e favoráveis ao seu desenvolvimento, o que acabou desalojando as culturas tradicionais e transferindo-as para outros locais, onde na maioria das vezes não havia possibilidade do cultivo do café¹⁵.

O favorecimento ao sistema agroexportador executado pelo governo consistiu basicamente em transferir as terras eclesiásticas, terras devolutas e terras sem cercamento (comuns) para a posse privada. Entretanto, disponibilizou aos cafeicultores salvadorenos aproximadamente um quarto das terras aproveitáveis do país, fato que acabou favorecendo a formação de uma “oligarquia da terra” a partir da alta concentração fundiária¹⁶.

O movimento de reorganização da terra causou a reorganização também da divisão do trabalho, além de mudanças na estrutura social salvadorenha. De um lado, estavam as classes dominantes, associadas aos grandes proprietários de terra e grandes produtores. Depois, aparecia a classe subordinada direta e indiretamente à primeira, formada pelos trabalhadores rurais e os trabalhadores que desenvolviam atividades urbanas. Entre 1870 e 1920, a influência de ideologias como o anarquismo e o comunismo marcou o início da formação de uma consciência de classe em vários setores trabalhistas¹⁷.

A politização levou, logo depois da Primeira Guerra Mundial, a fundação de sindicatos, que em El Salvador eram fortes e bem organizados¹⁸ e tornou-se o contraponto ao projeto liberal das sociedades de socorro mútuo, usado como instrumento disciplinar que buscava o controle dos trabalhadores. O trato paternalista do Estado, empenhado em criar uma atmosfera falsa de liberdades democráticas, consegue

¹⁵ FONSECA, Elisabeth. **Centroamérica: Su história**. San José: FLACSO, 1996, p. 161.

¹⁶ *Ibid.*, p. 163.

¹⁷ *Ibid.*, p. 184.

¹⁸ VALIENTE, Mario Salazar. El Salvador: Crise, ditadura, luta (1920-1980). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 119.

atransar a penetração das organizações sindicais em meio aos trabalhadores, usando como disfarce a aprovação de leis que beneficiavam em parte os trabalhadores, como a lei de regulação da jornada de trabalho.

Até a eleição de Arturo Araújo para a presidência da república em 1931, pode-se considerar que os processos eleitorais não respeitavam a escolha popular e a decisão das urnas. A reviravolta ocorre no vácuo da crise de 1929, quando o *crash* da bolsa de Nova York abala profundamente uma economia que dependia exclusivamente do mercado externo¹⁹.

A queda dos preços e, por consequência, do volume de café exportado causou uma convulsão social. Os índices de desemprego aumentaram e se inicia um violento choque no campo entre os trabalhadores esmagados pelos cortes de salários e demissões e a repressão estatal a serviço dos grandes produtores, dirigida pelo ministro da guerra e vice-presidente Maximiliano Hernández Martínez. As perseguições aos trabalhadores rurais, aliada a não absorção do excedente de mão de obra, deu início a uma emigração em massa para a vizinha Honduras, que até 1969 comportaria aproximadamente 300.000 salvadorenos dentro de seus limites²⁰.

Em dezembro de 1931, Martínez executa o primeiro de muitos golpes de Estado que foram realizados em El Salvador ao longo do século XX, resultado da incapacidade de Araújo de conter a grave crise econômica. O golpe coincidiu com o período de eleições legislativas, no qual o recém-fundado Partido Comunista Salvadorenho (PCS) tinha condições de alcançar ampla vitória. Criado formalmente em 1930, o PCS já possuía aceitação popular e era dirigido por Agustín Farabundo Martí. A consolidação no poder de Martínez foi sacramentada com a suspensão das eleições e eliminação das lideranças do PCS, incluindo Martí, que haviam convocado uma revolta para janeiro de 1932²¹.

Martínez governou El Salvador entre 1932 e 1944, praticamente sem oposição. Seu governo foi personalista e caracterizado pela intervenção na economia, como forma de atenuar a crise. Entretanto, optou pela continuidade do café como principal produto de exportação e não incentivou uma diversificação da produção, em direção oposta a

¹⁹ VALIENTE, Mario Salazar. El Salvador: Crise, ditadura, luta (1920-1980). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 120.

²⁰ BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, p. 37.

²¹ DUNKERLEY, James. El Salvador desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, pp. 91-92.

industrialização do país²². Mesmo com a instalação de uma estrutura burocrática para tratar a questão de forma mais próxima, como a criação de um Banco Central e uma Companhia Nacional do Café, os níveis de produção e exportação recuperaram-se a passos lentos. Somente com o fim da Segunda Guerra Mundial as exportações de café voltaram a crescer, graças ao redirecionamento do mercado para os Estados Unidos²³.

O governo Martínez sofreu um desgaste, depois de 13 anos no poder. O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe consigo anseios pelo retorno da democracia em El Salvador. Na tentativa de prolongar por mais tempo o seu mandato, Martínez propôs ao Congresso uma emenda que postergasse o governo e causou descontentamento dos setores médios, trabalhadores e oficiais do exército²⁴. Nesse momento, as forças armadas iniciam seu papel mais firme em golpes de Estado: apesar de Martínez ter subido ao poder por via golpista, somente a partir de sua queda o golpe teve iniciativa por parte dos militares descontentes. Mesmo tendo domado a parte rebelde dos oficiais e reprimido com violência os movimentos contrários, segmentos da sociedade iniciaram uma onda de protestos detonada a partir dos estudantes universitários entre abril e maio de 1944. Os movimentos “populares” que ocasionaram o fim do “martinato” careciam de lideranças realmente populares, isso porque o movimento era influenciado pela oligarquia cafeeira. Mesmo assim, condicionaram a renúncia de Martínez e a queda de seu governo²⁵.

Em outubro do mesmo ano, o coronel Aguirre Salinas orquestra mais um golpe, dessa vez com o apoio das forças armadas, e termina por eliminar os resquícios de oposição, o que foi uma clara continuidade no martinato²⁶. Nesse ínterim, uma resistência formal é estabelecida na vizinha Guatemala, onde um movimento popular de viés totalmente oposto ao golpe salvadorenho acabava de subir ao poder. Líderes de oposição salvadorenhos, como Arturo Romero e Miguel Molina planejaram uma intervenção militar guatemalteca com objetivo de derrubar Salinas. O fracasso da operação, apesar de ter cumprido os objetivos iniciais de ocupação do território salvadorenho, se deu no momento em que o apoio de alguns setores das forças armadas

²² VALIENTE, Mario Salazar. El Salvador: Crise, ditadura, luta (1920-1980). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 128.

²³ Ibid., p. 129.

²⁴ DUNKERLEY, James. El Salvador desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 94.

²⁵ VALIENTE, op. cit., p. 132.

²⁶ DUNKERLEY, op. cit., p. 95.

de El Salvador desapareceu e a reação de forças leais a Salinas foram superiores em numero e técnica²⁷.

Salinas convoca eleições para confirmar a transição do poder para Salvador Castañeda Castro. No seu governo (1945-1948), os preços do café no mercado internacional voltaram a patamares altos, mas ainda não houve um estímulo à industrialização, algo que só viria a ser promovido de fato a partir de meados da década de 1950. Houve um tímido estímulo ao cultivo de novos produtos agrícolas, como o algodão e o açúcar²⁸. Sua gestão também atraiu impopularidade e, no momento em tentava prolongar seu mandato foi derrubado por outro golpe de Estado em dezembro de 1948, encabeçado pelo coronel Oscar Osório, mais um militar.

Uma junta de governo composta por civis e militares esteve à frente do governo salvadorenho até 1950, quando Osório tornou-se presidente constitucionalmente “eleito” pelo Partido Revolucionário de Unificação Democrática – PRUD que posteriormente mudará seu nome para Partido de Conciliação Nacional, patrocinado pelos militares. O período de Osório na presidência teve finalmente o incentivo ao desenvolvimento industrial, estabelecimento de várias instituições novas na administração pública (Instituto de Colonização Rural, Instituto de Seguro Social)²⁹ e a formação da Organização dos Estados Centro Americanos – ODECA, que reuniu uma série de tratados que tinham como objetivo aproximar os países da América Central política e economicamente³⁰. Seu sucessor, José Maria Lemus, foi eleito sem a necessidade de golpe e governou entre 1956 e 1960, mas desagradou setores conservadores do exército, que não concordavam com a continuidade no seu governo da frágil abertura iniciada por Osório³¹.

A década de 1960 se mostrou bastante movimentada em El Salvador. Em mais uma oportunidade, o exército providencia um golpe de Estado que tira Lemus do governo e instala uma junta governativa provisória até que seja eleito outro presidente. Em 1962 assume o poder Julio Rivera, o mesmo militar que havia encabeçado a deposição de Lemus em 1960. A repressão no campo, herança de uma política

²⁷ VALIENTE, Mario Salazar. El Salvador: Crise, ditadura, luta (1920-1980). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 134.

²⁸ Ibid., p. 140.

²⁹ FONSECA, Elisabeth. **Centroamérica: Su história**. San José: FLACSO, 1996, p. 249.

³⁰ BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, pp. 23-26.

³¹ DUNKERLEY, James. El Salvador desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 97.

autoritária do começo do século XX, intensificou-se com a criação de um braço paramilitar chamado ORDEN, com o objetivo de sufocar a já debilitada organização dos trabalhadores rurais³².

A formação do Mercado Comum Centro Americano – MCCA em 1961 representou a concretização de uma integração econômica entre os países da América Central. Seu projeto foi gerado ainda na década de 1950, mas ratificado após El Salvador, Honduras e Guatemala firmarem o Tratado de Associação Econômica³³. Embora a indústria salvadorenha fosse minúscula, era considerada uma das maiores da região e produzia alimentos e têxteis. A partir desse período, os produtos agrícolas de exportação deixam de ser protagonistas, mas o café mantém a força no campo, ao lado do algodão e do açúcar, esse último se fortalecendo um pouco mais pelo bloqueio econômico imposto a Cuba³⁴. O MCCA continuaria em vigor até 1969, ano que o conflito com Honduras faz o declinar o dinamismo do bloco.

1.2 Honduras

Nas décadas finais do século XIX Honduras tinha como eixo de sua economia a mineração, ao contrário dos seus vizinhos que tinham a agroexportação como principal atividade³⁵. A expectativa de geração de recursos com essa atividade era alta, com o objetivo de melhorar a deficiente rede de comunicações e a própria estrutura do país.

Desde então, o governo hondurenho facilitou a entrada de empresas estrangeiras no país, prática que persistiria por muitos anos³⁶. A principal empresa do ramo de minérios foi a New York and Honduras Rosario Mining Company, vulgarmente conhecida como “La Rosário”, que tinha como sócio o próprio presidente hondurenho, Marco Aurelio Soto. A entrada do capital estrangeiro em Honduras tinha como propósito suprir uma demanda pelo incremento na produção e transformação da quase inexistente rede de transportes, que o próprio governo foi incapaz de resolver em anos anteriores.

³² DUNKERLEY, James. El Salvador desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 98.

³³ FONSECA, Elisabeth. **Centroamérica: Su história**. San José: FLACSO, 1996, pp.223-224.

³⁴ VALIENTE, Mario Salazar. El Salvador: Crise, ditadura, luta (1920-1980). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 152.

³⁵ BULMER-THOMAS, Victor. Honduras desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 115.

³⁶ FONSECA, op. cit., p. 179.

Paralelamente, a produção de banana desenvolvia-se no norte do país pelas mãos de pequenos produtores independentes, mas sem o incremento do capital estrangeiro. Foi somente após 1899 que o capital estrangeiro iniciou seus investimentos no setor através de companhias multinacionais, todas estadunidenses. Standart Fruit and Steamship – a primeira a se instalar em Honduras, Cuyamel Fruit Company e por último a United Fruit Company – UFCO foram as empresas que dominaram o setor bananeiro, com destaque para a UFCO, que por mais tempo se perpetuou no domínio do mercado³⁷. De imediato, os efeitos das concessões foram sentidos no desenvolvimento da rede de transportes, pois as ferrovias hondurenhas passaram de pouco mais de 90 Km de extensão para 1.500 Km em um curto período, além da abertura de estradas que ligavam a capital Tegucigalpa ao norte do país, antes isolado³⁸.

Vários serviços foram criados a fim de prover uma boa estrutura para a produção de banana em Honduras. As empresas bananeiras criaram várias subsidiárias sob seu controle que operavam serviços básicos e atendiam a pequenas demandas por bens de consumo de seus empregados. A Tropical Radio Telegraph Company – TRTC, empresa especializada em comunicações era ligada à UFCO; a Cuyamel Fruit e Standart Fruit criaram pequenas fábricas de açúcar e derivados, cerveja e refrigerantes, além de um banco para as atividades financeiras³⁹.

A mão de obra era composta por uma miscelânea de trabalhadores de vários países vizinhos, pois a baixa quantidade de habitantes na região norte do país não atendia a grande demanda de postos de trabalho. Além de hondurenhos, trabalhadores eram recrutados na Jamaica, El Salvador e Costa Rica, geralmente atraídos pelos salários. A importação de trabalhadores provocou uma tensão social e racial entre os empregados das empresas, pois os trabalhadores jamaicanos eram negros e eram recrutados sob uma perspectiva racista de possuírem maior resistência física ao trabalho e a doenças, além de falarem inglês, ocupando assim postos de trabalho um pouco melhores dos demais trabalhadores⁴⁰.

A organização dos trabalhadores em Honduras teve relevante destaque na conjuntura social do país. Desde a última década do século XIX surgiram associações de ajuda mútua em algumas categorias (sapateiros, alfaiates, profissionais liberais), mas

³⁷ FONSECA, Elisabeth. **Centroamérica: Su história**. San José: FLACSO, 1996, p. 171.

³⁸ BULMER-THOMAS, Victor. Honduras desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 116.

³⁹ FONSECA, op. cit., p. 172.

⁴⁰ FONSECA, op. cit., p. 173.

foi só na década de 1920 que os sindicatos se formaram oficialmente em vários ramos de atividades, dentre eles os ferroviários, portuários e mineiros. Nessa conjuntura de organização política dos trabalhadores surge também o Partido Comunista de Honduras, em 1922. Influenciados por movimentos sindicalistas internacionais, esses grupos conseguem formar um vínculo entre os trabalhadores, no âmbito urbano e rural⁴¹.

Mesmo não tendo leis que os respaldassem, o que não mudou até 1954, os movimentos sindicais em Honduras agiram de forma vigorosa mesmo diante da divisão partidária vigente no país entre liberais (Partido Liberal) e nacionalistas (Partido Nacional), o que dificultou bastante a participação política independente. Em 1925, por exemplo, ocorreu uma greve de trabalhadores da Cuyamel Company, que logo se estendeu para outras companhias, que exigia melhores condições de trabalho. Embora tenha ocorrido uma forte repressão por parte do governo e das companhias, os trabalhadores conseguiram que parte de suas demandas fossem atendidas e provaram que a mobilização era uma alternativa contra as duras condições impostas pelas empresas estrangeiras aos trabalhadores⁴².

Os incrementos trazidos pelo capital estrangeiro, apesar de seus benefícios em curto prazo, também tiveram seu alto custo para o governo hondurenho. A maioria dos investimentos em infraestrutura era feito pelas multinacionais com a anuência do governo, que passou a ser refém da dinâmica do mercado externo e concentrou a fonte de receitas em uma única atividade. Os rumos políticos também tinham a interferência das companhias bananeiras. Em 1923, um impasse nas eleições presidenciais levou o então presidente Lopez Gutierrez a declarar-se ditador e desencadear um breve embate entre os candidatos que disputavam o cargo. Tiburcio Carías Andino, um dos candidatos que tinha laços com as empresas bananeiras, ensaiou tomar o poder através de armas e propiciou a intervenção militar dos Estados Unidos em 1924, onde os fuzileiros navais tomaram o controle da capital Tegucigalpa e forçaram a assinatura de um tratado que nomeava Miguel Paz Barahoma presidente do país⁴³.

Os governos de Barahoma (1924-1928) e de seu sucessor Vicente Mejía Colindres (1928-1932) assistiram a um período de consolidação da banana como

⁴¹ CHOCANO, Guilherme Molina. Honduras: Da guerra civil ao reformismo (1923-1973). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 71.

⁴² *Ibid.*, pp. 73-74.

⁴³ BULMER-THOMAS, Victor. Honduras desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 117.

principal produto de exportação, maior atuação dos movimentos sindicais e os reflexos iniciais da crise mundial.

A produção de banana, que vinha crescendo a cada ano, atingiu a cifra aproximada de 25 milhões de cachos no quadriênio 1927-1931⁴⁴, e no mesmo período a UFCO adquiriu a Cuyamel Fruit e concentrou ainda mais o controle da produção nas mãos de apenas duas empresas do ramo, sendo a outra a Standart Fruit. O foco em um só produto fez com que a banana respondesse por praticamente 90% das exportações feitas por Honduras⁴⁵.

A crise de 1929 afetou negativamente o lucro das empresas do setor. A UFCO, maior atingida por essa redução, iniciou uma política de cortes de salários, postos de trabalho e preços de compra de banana de produtores independentes, além de uma praga nas plantações de banana que retraiu a produção. A Tela Railroad Company, do setor ferroviário, também promoveu demissões e reduções de salários de seus empregados. Em contrapartida, os trabalhadores de ambas as empresas declararam greve que obteve grande adesão, mas que logo foi reprimida pelo governo e pelas próprias empresas, resultando em deportações e prisões e as políticas de reduções de salários e postos de trabalho continuaram⁴⁶.

A partir de 1932, com a eleição de Carías Andino, a política hondurenha assistiu ao início da fase ditatorial e personalista que dominou o país até 1948. Utilizando de várias manobras, Carías buscou ampliar cada vez sua permanência no poder: eliminou a possibilidade de oposição, seja do Partido Liberal ou dos sindicatos, e atraiu a simpatia do exército⁴⁷. O “cariato” perpetuou-se também com manobras dentro do congresso hondurenho, que aprovou diversas emendas para mantê-lo no cargo e o regime flertou com tendências fascistas até a entrada de Honduras na Segunda Guerra Mundial⁴⁸.

Abalada por pragas e inundações, a produção de banana despencou e sofreu mais baixas com o esforço de guerra, pois os transportes marítimos das empresas bananeiras foram requisitados pela marinha dos Estados Unidos. A baixa no setor bananeiro de

⁴⁴ CHOCANO, Guilherme Molina. Honduras: Da guerra civil ao reformismo (1923-1973). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 59.

⁴⁵ BULMER-THOMAS, Victor. Honduras desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 118.

⁴⁶ CHOCANO, op. cit., pp. 76-77.

⁴⁷ FONSECA, Elisabeth. **Centroamérica: Su história**. San José: FLACSO, 1996, p. 210.

⁴⁸ CHOCANO, op. cit., p. 79.

certa forma beneficiou uma diversificação na agricultura com produtos cereais e algodão, mas que não chegou a compensar as perdas nas exportações⁴⁹.

O Cariato, apesar de longo período no poder, logo teve seu colapso com o fim da guerra na Europa. A partir de 1944, organizações sindicais e alguns movimentos populares colocaram-se ativamente contra o regime. No mês de julho, manifestações na capital e em outras cidades hondurenhas terminaram em desastre, prisões e massacres, o que gerou repulsa pelo governo por parte da opinião pública⁵⁰. O desgaste do governo Carías, assim como os de outros governantes autoritários da América Central, foi gradual até sua saída do poder em 1948 sem, entretanto, abrir mão de um continuísmo.

Juan Manuel Gálvez, ministro da guerra no governo Carías, foi declarado presidente em uma eleição que teve apenas um candidato. Esperava-se um continuísmo das práticas do Cariato, mas sua gestão (1949-1954) obteve relativos avanços. Aprovou-se um imposto sobre a renda das companhias instaladas em Honduras, o que as obrigava a pagar 15% sobre seus ganhos, e que foi aumentado depois para 20% sobre os ganhos, representando um aumento na arrecadação fiscal do governo, instituiu-se um banco central para unificar o controle da circulação monetária e garantir uma quantidade suficiente de moeda no mercado⁵¹.

O maior desafio enfrentado por Gálvez talvez tenha sido a greve geral de 1954. Com objetivo de melhorar consideravelmente as condições de trabalho, empregados do setor bananeiro concentrados no norte de Honduras declararam a paralisação dos serviços, o que foi seguido logo depois pelos trabalhadores portuários e ferroviários, totalizando, no fim, quase 25 mil pessoas. Durante 69 dias esses trabalhadores resistiram aos assédios das empresas, que tentavam desestabilizar a qualquer custo a mobilização.

A generalização do movimento se deu após a adesão de trabalhadores de outros ramos da economia, como mineração, produção de tabaco e cerveja, e em várias cidades do país, totalizando agora um efetivo de quase 50 mil trabalhadores paralisados. As conquistas recompensaram a forte mobilização dos trabalhadores que, apesar das poucas concessões relacionadas a salários e condições de trabalho, viram suas demandas quanto

⁴⁹ BULMER-THOMAS, Victor. Honduras desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, pp. 121-122.

⁵⁰ CHOCANO, Guilherme Molina. Honduras: Da guerra civil ao reformismo (1923-1973). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 80.

⁵¹ BULMER-THOMAS, op. cit., p. 125.

a legalidade de mobilização finalmente se concretizarem e alcançaram uma posição nunca antes vista se tratando do movimento trabalhista⁵².

Villeda Morales (1957-1963) teve um governo que deu prosseguimento às poucas reformas sociais empreendidas por Gálvez. Aprovou-se um código que regulamentava as relações trabalhistas e uma lei garantindo o seguro social, que a princípio atingia somente os trabalhadores da região central do país, mas que depois foi estendido para o restante do território. O estímulo industrial, aprovado por lei em 1958, deu condições à economia hondurenha para diversificar sua produção e aumentou a participação no PIB para 14%. Em 1962 foi criado o Instituto Nacional Agrário - INA com o objetivo de arbitrar a reforma agrária e que não teria muita relevância até ser pivô da crise migratória que se instalou em Honduras em 1969⁵³.

Um golpe militar operado em 1963 levou ao poder Oswaldo López Arellano, justificado pelas tendências consideradas “comunistas” de reformas sociais e trabalhistas do governo Morales. O golpe tinha um viés reacionário, o que caracterizou a perseguição a movimentos populares e sindicais do campo e das cidades, com a acusação de comunismo e agitação⁵⁴.

Foi no governo Arellano que a situação no campo tornou-se explosiva. O INA havia cumprido insatisfatoriamente seu papel de redistribuição de terras entre a população em um período de cinco anos, contemplando poucas famílias no âmbito rural e esfriando as pretensões de uma reforma agrária efetiva⁵⁵. As companhias, que mantinham posse de terras para produção, não foram afetadas e as desapropriações de terras comuns e de propriedade do governo atingiram diretamente os imigrantes salvadorenhos⁵⁶.

O Mercado Comum Centro Americano não favoreceu a balança hondurenha durante a década de 1960. Embora o incentivo à indústria tenha sido dado a partir de meados de 1950, houve uma substituição de bens importados pelos nacionais e a diminuição de arrecadação sobre eles. Com isso, a balança comercial passou a ser negativa, pois as exportações de produtos para os outros membros do bloco não rendiam

⁵² CHOCANO, Guilherme Molina. Honduras: Da guerra civil ao reformismo (1923-1973). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, pp. 83-84.

⁵³ BULMER-THOMAS, Victor. Honduras desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 129.

⁵⁴ CHOCANO, op. cit., p. 92.

⁵⁵ BULMER-THOMAS, op. cit., pp. 131-132.

⁵⁶ BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, p. 38.

os mesmos valores comparado com os ganhos dos demais. A insensibilidade dos demais membros do bloco diante dos protestos de Honduras gerou um ressentimento que acabaria por gerar tensões com os países vizinhos, em especial El Salvador, e a posterior saída dos hondurenhos do bloco em 1970⁵⁷.

Tomando como base os processos históricos de pouco mais de um século, é possível concluir que a América Central sofreu mudanças gradativas. As estruturas sociais, os agentes políticos e os modelos econômicos tornaram-se cada vez mais complexos com o avançar do tempo. El Salvador e Honduras estiveram expostos a essas mudanças e foram protagonistas de suas próprias tensões – internas e externas.

Em 1969 eclodiu o conflito no qual pretendemos tratar, e percebemos que os elementos da conjuntura interna dos dois países, e também internacional, tiveram grande influência nas medidas tomadas pelos dois Estados no desenvolvimento e também na resolução da guerra. As desigualdades econômicas geradas pelo desequilíbrio no Mercado Comum Centro Americano, a crise migratória, a xenofobia alimentada a partir do confronto esportivo e a pressão da comunidade americana colocaram hondurenhos e salvadorenhos em um panorama complexo que gerou severas consequências.



Figura 1: Mapa da América Central. Disponível em <http://www.mapasparacolorear.com/continentes/> . acesso em 01/11/2015

⁵⁷ BULMER-THOMAS, Victor. Honduras desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 133.

Capítulo 2. GUERRA DAS CEM HORAS

No presente capítulo trataremos mais profundamente os elementos que fizeram parte da “Guerra das Cem Horas”, de julho de 1969. No decorrer da década de 1960 as relações entre El Salvador e Honduras se deterioraram vertiginosamente em um curto espaço de tempo em virtude de atritos de ordem econômica, migratória, esportiva e diplomática que aguçaram as inimizades.

A industrialização deficiente da região levou Honduras a se descontentar com o sistema de integração econômica em vigor no Mercado Comum Centro Americano, principalmente com o seu vizinho El Salvador, pois alegava prejuízos a sua balança comercial.

A fronteira entre os dois países, carente de uma delimitação mais precisa, foi protagonista de diversos incidentes de pequeno porte, que cada vez mais contribuíram para que as tensões se elevassem a níveis perigosos. Embates e incursões militares ilegais pelos territórios por hondurenhos e salvadorenhos tiveram sua parte nesses incidentes que poderiam ter causado um conflito a parte.

A crise migratória, problema que foi ignorado desde a década de 1930, se revelou mais grave do que parecia ser. O êxodo de salvadorenhos para Honduras cresceu cada vez mais e formou uma grande população de imigrantes no país receptor. Essa população ocupava postos de trabalho e terras que viriam a ser alvo de uma reforma agrária imposta por lei, mas discriminatória por parte do governo hondurenho, pois focava mais em privar os imigrantes da posse de terras do que efetivamente redistribuí-las de forma justa a todos os trabalhadores e moradores.

As tensões ainda seriam inflamadas por uma série de três jogos válidos pelas eliminatórias para o IX Campeonato Mundial de Futebol, que colocou frente a frente as seleções de futebol dos dois países e polarizou ainda mais as já afetadas opiniões públicas de El Salvador e Honduras.

A influência da política externa dos Estados Unidos também pode ser medida antes e durante o conflito. Através de seu Departamento de Estado e suas embaixadas sediadas em El Salvador e Honduras, o país manteve uma atenção especial à ameaça aos seus interesses na região – a produção de bananas encabeçada por empresas norte-americanas – e traçou diretrizes para lidar com a situação de forma discreta, porém bem próxima.

2.1 Nervos à flor da pele

O MCCA foi um mecanismo de integração criado através de um acordo entre alguns países da América Central – Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, em um primeiro momento – assinado em 1960, ratificado em 1961. A intenção era proporcionar uma união aduaneira, com livre circulação de mercadorias, e a redução de importações a partir do fomento às indústrias locais⁵⁸. Mas a funcionalidade desse mercado comum ficou comprometida pelas diferenças de desenvolvimento industrial dos países membros, e com El Salvador e Honduras não foi diferente.

A indústria salvadorenha estava mais desenvolvida graças ao incentivo governamental dado desde meados de 1950, com foco na produção final, ou seja, na realização da última fase do processo produtivo. Suas exportações para a região centroamericana representavam aproximadamente 99% do total de produtos exportados, e a maioria deles se dirigia para Honduras⁵⁹.

O panorama hondurenho era mais preocupante. Seu desenvolvimento industrial era baixo se comparado aos demais membros, em grande parte devido à atenção que o setor bananeiro tinha. O desequilíbrio em sua balança comercial era caracterizado pela grande quantidade de importação de produtos manufaturados, que representavam aproximadamente 93% do total, tendo como principal fornecedor os Estados Unidos e logo depois El Salvador⁶⁰. Entre 1960 e 1968, a quantidade de produtos importados superava cada vez mais os valores de exportação, causando um grande déficit na balança que chegou a quase 30 milhões de lempiras (moeda hondurenha), ou aproximadamente 15 milhões de dólares, alcançando o ponto máximo de prejuízo⁶¹.

Uma campanha foi deflagrada em Honduras para incentivar a população local a consumir produtos nacionais em detrimento aos produtos importados similares, em especial produtos salvadorenhos⁶². O boicote se intensificou em 1969, com a distribuição de listas de produtos salvadorenhos que não deveriam ser consumidos pela

⁵⁸ BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, pp. 31-32.

⁵⁹ GERSTEIN, Jorge Arieh. **El conflicto entre Honduras y El Salvador: Análisis de sus causas**. Foro Internacional, vol. 11, nº 44, Apr-Jun 1971, p. 561.

⁶⁰ BOLOGNA, op. cit., p. 56.

⁶¹ GERSTEIN, op. cit., p. 566.

⁶² BOLOGNA, op. cit., p. 57.

população⁶³. As relações econômicas levadas a cabo pelo MCCA criaram os primeiros descontentamentos, mas não ao ponto de levar ao conflito armado ainda, pois outros elementos ainda fizeram parte da escalada de tensões cada vez maiores entre El Salvador e Honduras.

As fronteiras entre os dois países, na terra e no mar, eram questão de disputas desde o século XIX e até 1969 quase nenhum esforço foi feito para discuti-las. Diversas ilhas do golfo de Fonseca, na costa do pacífico, eram reivindicadas por ambos os países, totalizando quase 420 Km² de território. O impasse no mar só teve solução definitiva quando em 1992 a Corte Internacional de Justiça pronunciou sentença dividindo a posse das ilhas, dois terços para Honduras e o restante para El Salvador, além do compartilhamento do golfo de Fonseca entre os dois países mais a Nicarágua⁶⁴. Em terra a imprecisão na demarcação dos limites gerou uma série de incidentes que causaram mal estar. No curto período compreendido entre 1967 e 1969 ao menos 12 ocorrências de invasões ilegais ocorreram ao longo da fronteira terrestre e duas delas estiveram a ponto de causar um confronto direto entre forças militares hondurenhas e salvadorenhas⁶⁵.

Ambas ocorreram em maio de 1967. O hondurenho Antonio Martínez Argueta, criminoso que frequentemente realizava incursões em El Salvador para praticar crimes, foi capturado por forças policiais salvadorenhas em sua fazenda que ficava localizada na fronteira entre os dois países. Estando a fazenda em área limítrofe, houve questionamento sobre a legalidade da prisão e sobre o desrespeito à soberania territorial de Honduras⁶⁶.

O incidente mais grave ocorreu logo após essa primeira situação. Destacamentos militares salvadorenhas foram surpreendidos e presos em plena marcha na cidade hondurenha de Nova Ocotepeque, aparentemente enviados para apoiar um golpe contra o presidente López Arellano, que havia sido abortado pouco antes. Os soldados presos só voltaram a El Salvador quando efetivos militares salvadorenhas foram afastados da

⁶³ BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, p. 58.

⁶⁴ DORATIOTO, Francisco. **Espaços nacionais na América Latina: da utopia bolivariana à fragmentação**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 90.

⁶⁵ BOLOGNA, op. cit., p. 61.

⁶⁶ BOLOGNA, op. cit., p. 46.

área de fronteira em julho de 1968, ao mesmo tempo em que Martínez recebia um indulto do governo salvadorenho⁶⁷.

A crise migratória tornou-se insustentável em 1969, por causa da grande pressão exercida pelas elites de latifundiários que controlavam grandes faixas de terras em Honduras. Embora a migração salvadorenha tenha raízes no início do século XX, com a contratação de trabalhadores para suprir a carência de mão de obra nas plantações de banana, foi na década de 1930 que o movimento migratório ganhou mais forças graças à perseguição promovida pelo “martinato”⁶⁸.

Por vários anos, hondurenhos e salvadorenhos conviveram relativamente bem, pois a quantidade de terras comuns disponíveis em Honduras era grande, com exceção daquelas que pertenciam às companhias estrangeiras. Somente quando a diversificação agrícola da década de 1960 teve início, apoiada pelas demandas do Mercado Comum Centro Americano, a situação mudou e a disponibilidade de terras comuns diminuiu para dar espaço aos novos gêneros cultivados⁶⁹.

A Federação Nacional de Agricultores de Honduras – FENAGH, formada por setores ligados aos grandes donos de terras, começou a exercer uma forte pressão sobre o Instituto Nacional Agrário – INA, a quem acusavam de não executar a reforma agrária de forma efetiva – reforma agrária essa que deveria atender aos interesses desses setores⁷⁰. Como forma de resolver o impasse, o governo hondurenho iniciou, por meio do INA, a aplicação da Lei de Reforma Agrária aprovada desde 1961. O ponto de conflito dessa lei era o artigo que vetava o direito à terra àqueles que não fossem naturais de Honduras⁷¹, visando excluir de forma clara a minoria salvadorenha.

El Salvador e Honduras mantinham um acordo de livre circulação de pessoas desde a Criação do Mercado Comum em 1960. Esse acordo foi ratificado em 1962 com a condição de ser renovado a cada dois anos a partir de 1965⁷². Em 1969, quando aproximadamente 300.000 imigrantes salvadorenhos estavam instalados em Honduras,

BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, p. 47.

⁶⁸ Ibid., p. 37.

⁶⁹ PINEDA, Carlos Pérez. **El conflicto Honduras-El Salvador, Julio de 1969**. San José: MERC, 2014, p. 6.

⁷⁰ GERSTEIN, Jorge Arieih. **El conflicto entre Honduras y El Salvador: Análisis de sus causas**. Foro Internacional, vol. 11, n° 44, Apr-Jun 1971, p. 562.

⁷¹ BOLOGNA, op. cit., p. 38.

⁷² PINEDA, op. cit., p. 7.

o governo Hondurenho se recusou a renovar tal acordo e começou a remover a população salvadorenha das terras públicas e comuns em abril deste ano⁷³.

Paralelo à remoção forçada de salvadorenhos pelo INA, outros imigrantes resolveram não esperar pela interferência do Estado e partir por conta própria. Entre abril e junho, entre 15.000 e 18.000 salvadorenhos deixaram Honduras retornando ao seu país de origem. Essa política de “limpeza” promovida pelo governo hondurenho ficou mais carregada de tensão quando as seleções dos dois países se enfrentaram pelo torneio eliminatório para o IX Campeonato Mundial de Futebol do México.

Todas as seleções das Américas do Norte e Central (incluindo o Caribe) disputaram a primeira fase do torneio, de onde sobraram Estados Unidos, El Salvador, Haiti e Honduras. A segunda fase reservou dois jogos entre El Salvador e Honduras⁷⁴. Na véspera da primeira partida, marcada para o dia 8 de junho de 1969, em Tegucigalpa, o time salvadorenho foi importunado por torcedores hondurenhos que faziam todo tipo de barulho durante toda a sua estadia no hotel, e esse foi o único incidente digno de nota que refletiu no resultado em campo: Honduras 1x0 El Salvador. O resultado foi recebido pela população salvadorenha da pior forma possível, resultando no suicídio de uma adolescente – Amelia Bolaños. Seu enterro foi transmitido pela televisão e contou com honras militares⁷⁵.

Para a segunda partida, marcada para o dia 15 de junho, o time hondurenho recebeu um tratamento similar ao dispensado aos salvadorenhos pela sua torcida na véspera da primeira partida. Sua estadia em San Salvador foi igualmente infernal, importunados de todas as formas pela torcida salvadorenha. Os ânimos exaltados fizeram com que o exército escoltasse o time até o estádio, onde as demonstrações de ódio contra os hondurenhos continuaram com a queima da bandeira de Honduras e insultos partindo das arquibancadas. El Salvador venceu por 3x2 para o alívio da delegação hondurenha, que temia pela vida de seus componentes⁷⁶.

Os atos hostis realizados no hotel onde o time hondurenho estava hospedado foram motivos para protestos por parte da Secretaria de Relações Exteriores de Honduras, que emitiu nota contra a atitude lesiva conduzida pelos torcedores

⁷³ BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, p. 39.

⁷⁴ Mais detalhes sobre composição do torneio, resultados e demais dados estatísticos em: <http://www.fifa.com/worldcup/archive/mexico1970/matches/preliminaries/nccamerica/index.html>, acesso em 27/10/2015.

⁷⁵ AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002, p. 192.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 193.

salvadorenhos contra a integridade da delegação hondurenha⁷⁷. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos também produziu um relatório condenando os atos de violência praticados contra cidadãos hondurenhos dentro de El Salvador⁷⁸. Ao mesmo tempo explodiu em Honduras um movimento de perseguição a cidadãos salvadorenhos e imigrantes que acelerou ainda mais o retorno de milhares de pessoas a El Salvador.

Entre os dias 15 e 27 de junho, data da partida de desempate, a opinião pública salvadorenha se mobilizou a favor da população expulsa de Honduras e criou uma atmosfera de unidade nacional contra o inimigo recém-declarado. Manchetes publicadas em 24 de junho no jornal “El Diario de Hoy”, de San Salvador⁷⁹, chamavam a atenção para a violência cometida por hondurenhos contra qualquer coisa que parecesse ser salvadorenha. Aproximadamente 5.000 salvadorenhos haviam sido expulsos de Honduras apenas nesse dia⁸⁰. A crescente xenofobia em Honduras (Figura 2), em contrapartida, pode ser medida através de campanhas como a de boicote a produtos salvadorenhos, onde o lema “Hondurenho, não compre produtos salvadorenhos” foi usado de forma recorrente⁸¹.

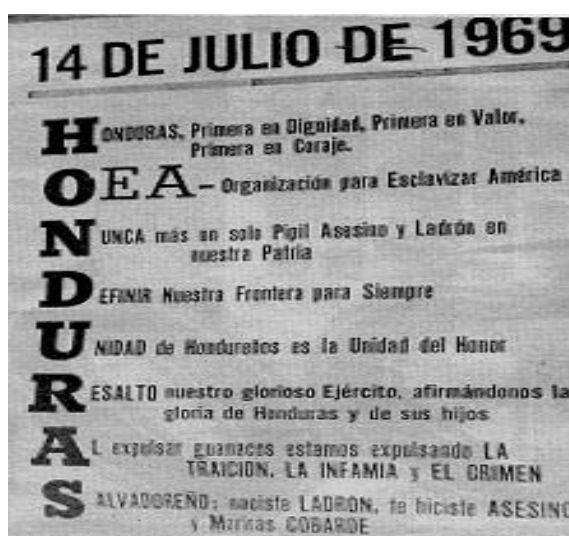


Figura 2: Cartaz hondurenho exortando a xenofobia contra El Salvador e os “guanacos”, termo pejorativo usado para se referir aos salvadorenhos. Disponível em: <http://www.historiadehonduras.hn/Investigaciones/Guerra3.jpg>, acesso em 01/11/2015.

⁷⁷ PINEDA, Carlos Pérez. **El conflicto Honduras-El Salvador, Julio de 1969**. San José: MERC, 2014, p. 19.

⁷⁸ BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, p. 88.

⁷⁹ El Diario de Hoy, 24/06/1969, p. 2.

⁸⁰ El Diario de Hoy, 24/06/1969, p. 39.

⁸¹ El Diario de Hoy, 25/06/1969, p. 13.

A terceira partida foi realizada em campo neutro, na Cidade do México, cercada de cuidados com a segurança. El Salvador venceu a partida por 3x2 na prorrogação e qualificou o time salvadorenho para enfrentar o Haiti na final do torneio. Posteriormente, El Salvador se classificaria para o Campeonato Mundial em 1970⁸².

O rompimento das relações diplomáticas entre os dois países ocorreu ainda no dia 27 de junho. Em declaração formal, respaldada pelo congresso nacional, o governo salvadorenho justificou seu rompimento mediante a passividade de Honduras em impedir atos hostis aos cidadãos salvadorenhos⁸³. Logo em seguida uma comissão composta pelos ministros de relações exteriores da Costa Rica, Guatemala e Nicarágua se ofereceu para mediar uma saída pacífica para as rivalidades entre El Salvador e Honduras.

As medidas propostas pela comissão consistiram em afastar qualquer força militar das fronteiras, impedir o andamento das agressões às populações e seus respectivos patrimônios, investigar os fatos já ocorridos, cessar a propaganda violenta promovida pelos meios de comunicação, garantir o fluxo migratório com segurança e ordem para regiões com baixo nível demográfico.

A proposta foi recebida pelos governos de ambos os países com muita desconfiança. El Salvador se recusava a acatar o conjunto de propostas, pois alegava que em seu território não havia ocorrido nenhum tipo de agressão aos residentes hondurenhos, que somavam aproximadamente 3.000 pessoas. Alegaram também que retirar as forças armadas da fronteira seria ferir a constituição, pois as forças armadas tinham o dever constitucional de defender o país em caso de ameaças⁸⁴.

O governo Hondurenho, por outro lado, aceitou de imediato a retirada de forças militares da área limítrofe e a presença de observadores internacionais. Entretanto, essa atitude não foi o suficiente para frear a onda de agressões aos salvadorenhos residentes em Honduras. As expulsões continuaram no início de julho, dessa vez somadas a argumentos cada vez mais discriminatórios. O Ministro das Relações Exteriores hondurenho, Tiburcio Castillo, declarou que os salvadorenhos expulsos não passavam de “prostitutas, ladrões e delinquentes de todas as espécies”⁸⁵ e que essas ações eram

⁸² AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002, p. 193.

⁸³ PINEDA, Carlos Pérez. **El conflicto Honduras-El Salvador, Julio de 1969**. San José: MERC, 2014, pp. 29-30.

⁸⁴ *Ibid.*, pp. 31-32.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 34.

resposta às supostas agressões a hondurenhos residentes em El Salvador, fato que não foi registrado na mesma escala de Honduras.

As provocações chegaram ao limite quando em 3 de julho um avião comercial proveniente de El Salvador invadiu o espaço aéreo hondurenho acidentalmente e provocou uma resposta efetiva das guarnições fronteiriças de Honduras, que dispararam contra o avião com a intenção de abatê-lo. O ataque foi recebido pelo governo Salvadorenho como uma agressão, sendo respondida no dia 11 de julho com um ataque surpresa em incursão no território hondurenho, que resultou em baixas e no fracasso da operação do exército salvadorenho⁸⁶.

O ataque ocorreu durante a mesa de negociações promovida pelo Conselho Consultivo da Organização dos Estados Americanos – OEA. Honduras se declarou vítima de uma traição, pois sofreu uma intervenção militar do país vizinho ao mesmo tempo em que negociava uma resolução para o problema. Em 14 de julho El Salvador atacou Honduras de forma aberta pela primeira vez, bombardeando cidades hondurenhas ao longo da fronteira e a capital Tegucigalpa. Essa última sofreu um bombardeio noturno, causando pânico e medo generalizados, fazendo com que a cidade ficasse mergulhada na escuridão total durante horas⁸⁷. A resposta das forças armadas hondurenhas veio por meio de bombardeio de refinarias e depósitos de petróleo e combustíveis⁸⁸.

As forças armadas de ambos os países era sucateada e contava com um efetivo reduzido e mal equipado. El Salvador possuía um exército com pouco mais de 6.000 homens e tinha pequenas vantagens por contar com armas e munições mais modernas, além de treinamento militar – ambos fornecidos pelos Estados Unidos. A força aérea contava com 6 caças de combate e 4 aviões de transporte, além de outros aviões para treinamento; a marinha de guerra possuía um efetivo muito pequeno que não entrou em ação durante os combates⁸⁹.

O exército hondurenho contava com efetivo muito menor, com aproximadamente 3.500 homens disponíveis. A formação militar era precária, inexistindo escolas militares no país. As armas em uso eram ultrapassadas e a artilharia

⁸⁶ PINEDA, Carlos Pérez. **El conflicto Honduras-El Salvador, Julio de 1969**. San José: MERC, 2014, pp. 41-42.

⁸⁷ KAPUSCINSKI, Ryszard. A guerra do futebol. In: _____. **A guerra do futebol e outros relatos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 197.

⁸⁸ BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, pp. 95-96.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 92-93.

praticamente não existia. Sua força aérea era superior e relativamente mais desenvolvida, com 20 caças de combate e 7 aviões de transporte, além de aviões de treinamento. Sua marinha de guerra também não participou do conflito⁹⁰.

Os principais ataques do exército salvadorenho (Figura 3) se concentraram no denominado Teatro de Operações Norte – TON, cujo objetivo era tomar a cidade de Nueva Ocotepeque. Com melhores equipamentos e maior quantidade de soldados, o exército salvadorenho conquistou importantes vitórias e avançou sobre uma parte considerável do território hondurenho⁹¹.



Figura 3 Mapa (adaptado) das operações de guerra na região de fronteira entre El Salvador e Honduras. Disponível em: <http://elcomercio.pe/blog/huellasdigitales/2010/07/la-guerra-del-futbol-una-histo>, acesso em 01/11/2015.

Parte dos combates foi acompanhada de perto por Ryszard Kapuscinski, correspondente internacional que cunhou o termo “guerra do futebol”, e estava em Honduras quando o conflito começou. Autorizado a seguir para o local onde os combates eram travados, a situação verificada era calamitosa. No vilarejo de Santa Rosa

BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador**. Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977, pp. 94-95.

⁹¹ PINEDA, Carlos Pérez. **El conflicto Honduras-El Salvador, Julio de 1969**. San José: MERC, 2014, p. 52.

de Copan, ele pode constatar o obstinado esforço dos militares hondurenhos em lutar; esforço esse que era eclipsado pela falta de organização e despreparo dos soldados⁹².

Seu contato mais íntimo com o conflito se deu quando visitou o front localizado próximo ao vilarejo de San Francisco, quando o caminhão em que estava foi alvo da artilharia salvadorenha. Perdido em meio ao tiroteio, se refugiou na mata e foi encontrado por um soldado hondurenho que havia se separado do restante de seu destacamento⁹³. Permaneceram no fogo cruzado até o anoitecer, quando conseguiram retornar ao acampamento hondurenho de Santa Tereza. A curta aventura teve seu fim ao retornarem a Tegucigalpa na manhã seguinte.

Até o dia 17 de julho não houve muito progresso nos combates, ora nenhum dos dois lados. El Salvador, por ter um efetivo maior, conseguiu tomar algumas cidades próximas à fronteira e estabelecer um controle sólido sobre elas. As forças hondurenhas, por sua vez, seguraram as investidas salvadorenhas com obstinação, conseguindo uma das suas poucas vitórias durante a guerra na emboscada realizada em San Rafael de las Mataras⁹⁴. Esse revés causou um desgaste no comando salvadorenho, que abandonou a iniciativa e mesmo com superioridade numérica deixou com que as forças hondurenhas iguallassem o combate.

A paralisação no front devido a impasses no alto comando das duas forças fez com que as vias diplomáticas se tornassem a alternativa mais indicada para o término do conflito. O cessar fogo proposto pelo Conselho da OEA foi aceito depois de prolongadas negociações e estabelecido às 22 horas do dia 18 de julho. O fim das hostilidades deveria ocorrer dentro de 96 horas do cessar fogo, tempo proposto pela OEA para que as forças militares retrocedessem às posições de antes das hostilidades, mas antes do fim do prazo, no dia 20 de julho, todo o conflito cessou⁹⁵. Embora os combates tenham cessado em 18 de julho, o governo salvadorenho se recusou a retirar suas tropas do território ocupado durante o conflito até pelo menos 27 de julho, quando anunciou oficialmente a saída das suas forças. Os últimos soldados abandonaram Honduras somente no início de agosto de 1969

⁹² KAPUSCINSKI, Ryszard. A guerra do futebol. In:_____. **A guerra do futebol e outros relatos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 209.

KAPUSCINSKI, Ryszard. A guerra do futebol. In:_____. **A guerra do futebol e outros relatos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 213.

⁹⁴ PINEDA, Carlos Pérez. **El conflicto Honduras-El Salvador, Julio de 1969**. San José: MERC, 2014, p. 62.

⁹⁵ Ibid., pp. 74-75.

O conflito entre El Salvador e Honduras durou quatro dias ou cem horas, do dia 14 ao dia 18 de julho de 1969. O número de baixas é divergente pois algumas fontes apontam as baixas militares em torno de 99 mortos e 66 feridos por parte de Honduras e 107 mortos por parte de El Salvador, ignorando as vítimas civis.⁹⁶ Outras fontes indicam aproximadamente 5.000 baixas, entre mortos e feridos de ambos os lados, civis e militares⁹⁷.

2.2 Jogo de sombras

Em 09 de julho de 1969, Henry Kissinger⁹⁸ encaminhou dois memorandos ao presidente dos Estados Unidos Richard Nixon. No primeiro memorando⁹⁹ ele relatava as crescentes tensões entre El Salvador e Honduras, informando o rompimento de relações em 26 de junho.

Com o clima hostil iniciado após a partida de futebol do dia 27 de junho, houve uma fuga em massa de imigrantes de volta para o território salvadorenho, em muitos casos coagidos pela violência e xenofobia pela qual os hondurenhos tomaram parte. El Salvador denunciou Honduras à OEA por desrespeito aos direitos humanos antes de romper as relações diplomáticas com o país vizinho.

O memorando ainda mostra certa preocupação com a situação política interna de ambos os países, que podem ser desestabilizadas caso o conflito se agrave, e também com a manutenção do Mercado Comum Centro Americano, que mantinha o dinamismo econômico e produtivo da América Central como fator de integração.

No segundo memorando¹⁰⁰, Kissinger alertava o presidente sobre a deterioração das relações entre essas duas nações e destacava que uma comissão formada por ministros de relações exteriores de países vizinhos já se esforçava para evitar qualquer agressão bélica. Recomendava, ainda, a Nixon, que enviasse um comunicado formal aos presidentes salvadorenho e hondurenho com a intenção de tranquilizá-los, a exemplo do

⁹⁶ PINEDA, Carlos Pérez. **El conflicto Honduras-El Salvador, Julio de 1969**. San José: MERC, 2014, pp. 76-77.

⁹⁷ DORATIOTO, Francisco. **Espaços nacionais na América Latina: da utopia bolivariana à fragmentação**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 90.

⁹⁸ Foi acessor-chefe para assuntos de segurança nacional da Casa Branca entre 1969 e 1972.

⁹⁹ 641. Memorandum From the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger) to President Nixon, Washington, July 9, 1969, disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d641>, , acesso em 27/10/2015.

¹⁰⁰ 642. Memorandum From the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger) to President Nixon, Washington, July 9, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d642>, acesso em 27/10/2015.

que o presidente colombiano Carlos Lleras já havia feito. Temos aqui uma demonstração de como os Estados Unidos mantinham alguma confiança nos próprios países da América Central para resolver seus próprios litígios, pois “aquele era um problema centroamericano e a responsabilidade estava com os países centroamericanos”. Assim, optaram pelo papel de coadjuvante na mediação do conflito.

Em uma nota¹⁰¹ ao secretário de Estado, do dia 11 de julho, o diretor de inteligência do Departamento de Estado, Thomas Hughes, analisou os pormenores do impasse diplomático entre El Salvador e Honduras. De acordo com o documento, aparentemente existia um clima belicoso entre os dois países. Apesar das negociações com os países da região e com a OEA, Honduras parecia estar ansiosa pela resolução dos litígios, já que tinha aceitado retirar possíveis efetivos militares estacionados na fronteira afastando-se 5km em relação a ela, enquanto El Salvador se mantinha impassível em um clima de retaliação. Os prejuízos econômicos para Honduras pareciam inevitáveis, pois houve fuga de mão de obra e a interrupção das trocas comerciais. Nesse caso, o tempo parecia ser peça chave para o bom andamento das negociações.

Em memorando ao presidente Nixon, datado de 15 de julho¹⁰², Kissinger relatava o início das hostilidades entre El Salvador e Honduras, com um ataque a bases aéreas hondurenhas e resposta com um bombardeamento de um porto salvadorenho, além de pequenas incursões armadas ao longo da fronteira entre os dois países.

A OEA nomeou uma comissão para acompanhar e investigar os fatos em acordo com o TIAR, Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, concebido como um acordo em âmbito americano que trata da manutenção da paz e segurança dos países integrantes, em consonância com as resoluções da OEA¹⁰³.

O documento reportava de forma vaga as dimensões reduzidas das forças militares de ambos os países frente o início das hostilidades e, com isso, prevê dificuldades para prosseguir as negociações de paz. Mais uma vez, conforme mostra o documento, o governo dos Estados Unidos busca uma posição “neutra”, declarando ser

¹⁰¹ 643. Intelligence Note No. 526 From the Director of the Bureau of Intelligence and Research (Hughes) to Secretary of State Rogers, Washington, July 11, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d643>, acesso em 27/10/2015.

¹⁰² 644. Memorandum From the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger) to President Nixon, Washington, July 15, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d644>, acesso em 27/10/2015.

¹⁰³ ARRIGHI, Juan Michel. **OEA, Organização dos Estados Americanos**. Barueri: Manole, 2004, pp. 61-62.

possível dar apoio logístico à comissão da OEA e o apoio a uma resolução pacífica do conflito.

Em memorando dirigido a Kissinger em 16 de julho¹⁰⁴, Viron Vaky¹⁰⁵ atualizava o status do conflito. Conforme previsto, os hondurenos esgotaram seus armamentos e sofriam baixas em demasia enquanto os salvadorenos elevavam o moral com os êxitos na campanha militar, porém ambos estão dispostos a iniciar negociações para um cessar fogo e Vaky indicava que os Estados Unidos deveriam fazer pressão para que ambos aceitassem negociar. Em caso de uma resposta negativa, a OEA poderia condenar El Salvador com sanções e impor uma intervenção direta através de uma força de paz no qual os Estados Unidos “seriam obrigados” a fazer parte.

Embora os combates continuassem, mesmo mais moderados pelo esgotamento material e humano, é interessante notar que o governo dos Estados Unidos pela primeira vez admitiram a possibilidade de pressionar de forma mais acentuada ambos os países e cogitaram fazer parte de uma força militar de intervenção, o que não seria uma novidade na região já que intervenções militares norte-americanas foram comuns desde o início do século XX.

Em 18 de julho, Hughes enviou outra nota¹⁰⁶ a Kissinger contendo uma análise das consequências financeiras que o conflito poderia trazer para os países da América Latina. O conflito poderia gerar um estímulo para a realização de maiores investimentos em defesa e armamentos pelas nações latino-americanas, pois os países poderiam “pressionar para modernizarem seus armamentos militares” já que naquela data El Salvador e Honduras já se movimentavam para conseguir fornecimento de material bélico, muito pelo esgotamento das suas reservas.

O controle interno em cada um dos dois países foi citado como preocupante, uma vez que enfrentavam pressões internas de setores da sociedade e de indivíduos ligados aos seus próprios governos pelo prolongamento do conflito e resolução dos litígios pela via armada, além da fragilidade da OEA e do sistema interamericano como um todo frente à dificuldade de mediação do conflito.

¹⁰⁴ 645. Memorandum From Viron P. Vaky of the National Security Council Staff to the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger), Washington, July 16, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d645>, acesso em 27/10/2015.

¹⁰⁵ Foi membro do Conselho de Segurança Nacional para a América Latina entre 1969 e 1971.

¹⁰⁶ 646. Intelligence Note No. 548 From the Director of the Bureau of Intelligence and Research (Hughes) to Secretary of State Rogers, Washington, July 18, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d646>, acesso em 27/10/2015.

De posse dessas informações, Kissinger dirigiu uma mensagem a Nixon na mesma data¹⁰⁷ e o comunicou da proposta de um cessar-fogo proposto pela OEA, que englobava a retirada de tropas das zonas de combate em 96 horas, suspensão do tráfego aéreo militar, garantias para as populações imigrantes de ambos os países e o fim do sensacionalismo midiático que tomava conta da opinião pública salvadorenha e hondurenha. O acompanhamento de observadores da OEA também foi proposto, mas enquanto a resposta dos governos a proposta não chegava, a guerra prosseguia.

Viron Vaky voltou a escrever para Kissinger em 22 de julho¹⁰⁸ sobre a situação do conflito e suas perspectivas futuras. O cessar-fogo foi aceito em 18 de julho e entraria em vigor em 96 horas, mas El Salvador ainda continuou inseguro quanto as garantias de integridade dos seus cidadãos em Honduras. A possibilidade de não retirar as forças salvadorenhas de Honduras foi interpretada como uma afronta e a possibilidade de envio de uma força militar para expulsá-las foi novamente cogitada.

O governo dos Estados Unidos não esperava ter que contribuir com essas forças e confiava na OEA para resolver o conflito por via diplomática. Mas é interessante notar como o uso do termo “esperava” é vago, deixando a entender que existia a possibilidade de participar de tal força.

Ainda em 22 de julho, um relatório¹⁰⁹ produzido pelo departamento de inteligência dos EUA buscava situar mais precisamente os acontecimentos na zona de conflito. Um documento foi apresentado pelo governo de El Salvador contendo uma série de exigências, com o objetivo de terminar o conflito. Dentre elas, a garantia de segurança para salvadorenhas residentes em Honduras e a reparação e punição pelos crimes cometidos pelos hondurenhas. Por mais relutante que o documento fizesse El Salvador parecer, seu governo aceitou prosseguir as negociações, mesmo depois de ameaças de retorno ao status beligerante.

Nesse ponto do memorando, o governo dos Estados Unidos começou a demonstrar preocupação com a opinião pública salvadorenha, que se manifestava de forma contrária a sua postura “manipuladora” na OEA e nas suas pautas e, somando-se

¹⁰⁷ 647. Memorandum From the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger) to President Nixon, Washington, July 18, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d647>, acesso em 27/10/2015.

¹⁰⁸ 648. Memorandum From Viron P. Vaky of the National Security Council Staff to the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger), Washington, July 22, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d648>, acesso em 27/10/2015.

¹⁰⁹ 649. Central Intelligence Agency Information Cable, TDCS 314/10866-69, Washington, July 22, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d649>, acesso em 27/10/2015.

a isso, a política de não manifestação da embaixada norte-americana em San Salvador parecia corroborar a tese de favorecimento a Honduras. Após o fim da “Guerra das Cem Horas” o Departamento de Estado continuou a monitorar a situação entre El Salvador e Honduras até pelo menos outubro de 1969.

O primeiro memorando¹¹⁰ pós-guerra foi dirigido à embaixada dos Estados Unidos em San Salvador no dia 24 de julho. Teve como objetivo esclarecer e direcionar as ações dessa embaixada junto ao governo de El Salvador. A opinião pública salvadorenha dava como certa um confronto com uma “força internacional”, mesmo depois do fim do conflito armado, sendo que o próprio presidente salvadorenho já havia declarado, segundo o próprio documento, que seria suicídio enfrentar tais forças e gostariam “que isso não ocorresse”.

O governo dos Estados Unidos orientou a embaixada a sondar o governo salvadorenho a fim de desmentir e esclarecer tais informações, tratadas como boatos, e que esse esclarecimento deveria ocorrer de tal modo que interpretações equivocadas fossem eliminadas.

A resposta da embaixada de San Salvador chegou ao Departamento de Estado no dia seguinte, 25 de julho¹¹¹, e discorreu sobre os objetivos a serem alcançados em uma reunião com a cúpula de ministros do exterior sobre o conflito. Mais uma vez a dúvida sobre a capacidade do sistema interamericano foi colocada, muito em parte pelas dificuldades que as negociações até aquele ponto enfrentaram. Esperavam que todos os pontos do acordo (ou cessar-fogo) fossem cumpridos, já que a movimentação militar já havia cessado há alguns dias, porém o estabelecimento de um aviso final poderia ser necessário.

A possibilidade de uma intervenção poderia se tornar remota caso os pontos apresentados fossem aceitos por ambos os países, mas ainda assim os Estados Unidos não descartavam apoio, mesmo que logístico, a essa possível operação. Alguns pontos de consenso foram apresentados, tais como o retorno dos refugiados, reintegração dos salvadorenhos residentes em Honduras, o estabelecimento de normas de imigração e a permanência de observadores internacionais da OEA na zona de conflito.

¹¹⁰ 650. Telegram 122377 From the Department of State to the Embassy in El Salvador, July 24, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d650>, acesso em 27/10/2015.

¹¹¹ 651. Telegram 1727 From the Embassy in El Salvador to the Department of State, July 25, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d651>, acesso em 27/10/2015.

Aparentemente, os EUA mantiveram a sua posição inicial de “neutralidade”, cogitando apoio logístico a operações da OEA, usando mais de sua influência do que sua força militar para a resolução do caso.

O documento de 31 de julho¹¹², enviado as embaixadas norte-americanas em San Salvador e Tegucigalpa, teve como objetivo fazer um balanço do conflito e ponderar potenciais prejuízos aos dois governos e, principalmente, a imagem do governo dos Estados Unidos. A preocupação principal era com o declínio das relações entre os Estados Unidos e El Salvador e Honduras, visto que isso poderia diminuir o prestígio e a capacidade de influência consideradas peças chave na política norte-americana na América Central.

O conflito bélico entre El Salvador e Honduras, apesar de sua curta duração, teve uma amplitude considerável e envolveu diversos elementos ligados a ambos os países. Um desses elementos em especial – a disputa esportiva – teve uma relação bem mais íntima com as rivalidades entre salvadorenhos e hondurenhos do que aparentou. Esse esporte, com a sua popularidade, foi capaz de movimentar grandes atenções e contribuir para o desenrolar do conflito e pretendemos analisar esse papel no próximo capítulo.

¹¹² 652. Telegram 127303 From the Department of State to the Embassies in Honduras and El Salvador, July 31, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d652>, acesso em 27/10/2015.

Capítulo 3. FUTEBOL: IDENTIDADE E NACIONALISMO

Dentre todos os elementos que fizeram parte da Guerra das Cem Horas, o futebol é aquele menos contemplado por estudos mais profundos sobre seu papel no conflito. O objetivo do presente capítulo é investigar um pouco mais a participação do futebol na Guerra das Cem Horas, levando em consideração os aspectos históricos da formação desse esporte e da sua chegada à América Central, suas relações com a sociedade americana e seu impacto direto nas hostilidades entre salvadorenhos e hondurenhos.

3.1 Sobre as origens e difusão do futebol

O futebol “moderno” teve suas origens na Inglaterra em meados do século XIX e, em um primeiro momento, foi praticado principalmente pelas classes mais altas. Usado em escolas inglesas como um instrumento moralizador, esse esporte tinha objetivo de disciplinar seus praticantes, transmitindo a eles noções mais sólidas de liderança e lealdade, com a intenção de formar cavalheiros¹¹³.

A comparação do futebol com a dinâmica social é válida, pois assim como a sociedade inglesa tinha suas instituições para manutenção da ordem vigente (polícia, sindicatos, escolas) esse esporte também criou regras bem organizadas e uma associação formal (Football Association – FA) servindo, a partir dessa normatização, como agente disciplinador e submetendo seus praticantes à dinâmica de poder socialmente instalada¹¹⁴.

Aos poucos, esse esporte foi incorporado como prática lúdica em meio a classe trabalhadora, muito em virtude da falta de atividade em que pudessem ocupar os momentos que não estavam trabalhando. As grandes fábricas formaram seus próprios times, compostos pelos seus funcionários, e logo surgiram várias equipes vinculadas a empresas por todo o país, no segmento ferroviário (Manchester United), siderúrgico (West Ham) e armamentos (Arsenal), para citar os mais famosos¹¹⁵. A popularização do

¹¹³ GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p. 18.

¹¹⁴ JÚNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 28.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 34.

futebol em meio as classes mais baixas foi facilitada também pelos costumes desses em fazer apostas, o que fez aumentar a média de público das partidas disputadas¹¹⁶.

A disseminação do futebol mundo afora não tardou em acontecer, pois a Inglaterra mantinha um vasto império e uma forte influência cultural e comercial pelo mundo que permaneceu forte até pelo menos a Primeira Guerra Mundial. Foram os soldados e funcionários britânicos que estabeleceram o costume de disputar partidas contra os nativos das regiões que controlavam, como passatempo. Nos domínios imperiais como Canadá, Austrália e Índia, o futebol enfrentou resistências das elites coloniais, que preferiam passatempos que incorporavam mais o ideal aristocrático da cultura britânica, como o críquete e o rúgbi¹¹⁷.

Entretanto, ele teve sua aceitação em domínios onde a elite colonial era menor e se limitava apenas a administrar, como na África. Lá o esporte teve um alcance maior e foi apropriado pelo protonacionalismo, e foi usado como forma de resistência contra a dominação das potências imperiais. Na Europa foram as escolas e as fábricas administradas por ingleses que disseminaram a prática, que rapidamente se espalhou em diversos países. Trabalhadores especializados da indústria têxtil, carvoeira, marítima e ferroviária, além dos estudantes das escolas inglesas, fizeram surgir uma diversidade de clubes no final do século XIX, como o Milan, na Itália, Barcelona, na Espanha, Olympique de Marseille, na França, entre outros – apenas para citar os exemplos mais conhecidos. A partir daí, o futebol começou a ser um esporte mundial, em contraste ao esporte exclusivamente britânico que era no contexto do seu surgimento¹¹⁸.

O “esporte bretão” desembarcou na América Latina¹¹⁹ mais em virtude da inserção dos países da região no mercado mundial do que pelos laços coloniais. Como a influência comercial britânica era hegemônica na área, houve uma transferência de cultura protagonizada pelos trabalhadores provenientes da Inglaterra. Em geral, o esporte se popularizou nas cidades portuárias como Rio de Janeiro (Brasil), Buenos Aires (Argentina), Valparaíso (Chile) e Montevideu (Uruguai) porque tinham um contato mais imediato com marinheiros que jogavam futebol, mas a prática logo se

¹¹⁶ GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p. 20.

¹¹⁷ Ibid., p. 21.

¹¹⁸ Ibid., p. 23.

¹¹⁹ Aqui usamos o termo “América Latina” para referirmo-nos ao bloco de países de colonização ibérica, incluindo também a América Central em nossa análise.

espalhou pelas demais áreas desses países devido a atuação de empresas controladas por capital inglês¹²⁰.

Nos seus primórdios na América Latina, a formação de agremiações estava vinculada à atuação de pessoas que tinham alguma ligação com as origens do jogo. Da mesma forma que na Inglaterra as corporações industriais mantinham suas equipes, as companhias de origem inglesa estabelecidas nos países latinoamericanos também estabeleceram suas próprias equipes, o que também deu início à disputa de campeonatos. Como exemplo, o Rio de Janeiro assistiu na primeira década do século XX o surgimento de times como o Bangu, formado por trabalhadores da fábrica de tecidos Bangu¹²¹; em Montevideú, o Peñarol foi formado por trabalhadores ferroviários da capital uruguaia; em Buenos Aires, maior núcleo de imigrantes de origem inglesa da região, os primeiros times eram formados por estudantes de escolas inglesas e marinheiros dos navios que aportavam na cidade¹²².

A aceitação do futebol pelas classes mais baixas e pelos segmentos de trabalhadores contribuiu para a popularização do esporte. Ao mesmo tempo, ocorreu uma “criolização” dos costumes estrangeiros¹²³. Os nomes dos times e associações, assim como a grafia das posições de cada jogador de uma equipe foram substituídos da grafia original em língua inglesa para as línguas locais: o “football” foi substituído pelo “fútbol” ou “futebol”, a nomenclatura “club” foi trocada por “clube”, os termos “goalkeeper”, “referee”, “corner” foram adaptados para goleiro, árbitro e tiro de canto respectivamente.

Uma vez vistas as bases para a consolidação do futebol na América Latina, nos concentraremos agora na análise desse esporte como um dos agentes dos nacionalismos e da reafirmação das identidades nacionais de El Salvador e Honduras durante a Guerra das Cem Horas.

3.2 A nação no campo de jogo

Como dito anteriormente (capítulo 2), no esboço do conflito ente El Salvador e Honduras ocorreram três jogos classificatórios para o IX Campeonato Mundial de

¹²⁰ RINKE, Stefan. *Historias del fútbol em América Latina: História de sociedades y culturas*. In: RIBEIRO, Luiz (org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007, p. 191.

¹²¹ <http://www.bangu-ac.com.br/historia.htm>, acesso em 27/10/2015.

¹²² GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p. 24.

¹²³ RINKE, op. cit., 2007, p. 193.

Futebol, envolvendo as seleções dos dois países. Entretanto, não ficou claro o suficiente a relação entre as crescentes tensões entre salvadorenhos e hondurenhos e a disputa desses três jogos. Para ajudar a entender esse momento, nos guiaremos pela seguinte pergunta: o que teve o futebol a ver com esse conflito?

Podemos considerar o futebol como uma grande forma de manifestação coletiva¹²⁴, e essa manifestação possui contornos mais amplos do que a simples relação “clube-torcedor”, se considerarmos que a competitividade desse esporte pode ser medida em diversos níveis, como entre os próprios jogadores, clubes, times e países. No caso da Guerra das Cem Horas, tomaremos como base a relação “seleção-torcedor”, pois foi uma disputa que envolveu as seleções nacionais de cada país.

É necessário caracterizar o torcedor e os motivos pelo qual ele se identifica com aquele plantel de jogadores. Os vários indivíduos que se agregam em uma torcida podem ser considerados uma “comunidade imaginada”, pois formam um corpo coeso composto de diferentes tipos de pessoas, que não necessariamente sabem da existência uns dos outros, mas mesmo assim possuem uma noção de unidade. Ainda assim, esse corpo de torcedores é limitado, por mais torcedores que consiga agregar, e também pode ser considerada uma comunidade porque os seus componentes agem com “camaradagem” uns com os outros, independente das diferenças que existam entre eles¹²⁵.

Em outras palavras, existe uma tendência desse corpo coletivo de torcedores em assumir uma identidade comum que transcende as identidades individuais sem necessariamente excluí-las. Esse fenômeno pode ser encontrado em outros segmentos. Na comunidade religiosa, por exemplo, a cultura islâmica é vasta a ponto de abranger indivíduos de diversos países do mundo, cada um com suas características próprias. Entretanto, o uso de uma língua e uma escrita sagrada os tornam integrantes de uma comunidade em comum, pois mesmo que um indivíduo da Turquia fale turco e um indivíduo da Argélia fale o francês, quando estiverem reunidos se identificam como pertencentes a um mesmo corpo coletivo, pois fazem parte de um conjunto de fatores

¹²⁴ JÚNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 314.

¹²⁵ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 32-34.

que adota características comuns que estão acima de suas diferenças individuais, mas sem que elas sejam ignoradas¹²⁶.

Diante disso, podemos agora caracterizar os motivos pelo qual a seleção faz com que esses torcedores se identifiquem a elas. As seleções geralmente representam a unidade de um Estado, pois geralmente incorporam uma série de símbolos que o identificam como representante de determinado país¹²⁷. As cores da bandeira no uniforme, a heráldica usada nos escudos, o cântico das torcidas, são alguns dos elementos mais perceptíveis que compõem o universo simbólico do futebol.

Na véspera do primeiro jogo entre as seleções de Honduras e El Salvador, em Tegucigalpa, marcado para 8 de junho de 1969, os torcedores realizaram uma vigília em frente ao hotel onde os salvadorenos estavam hospedados e promoveram uma série de perturbações com a intenção de desestabilizar os jogadores. Da mesma forma, no jogo de volta, em 15 de junho de 1969, em San Salvador, os jogadores hondurenses sofreram incômodos ainda maiores por parte da torcida salvadorenha, que além de realizar barulhos de todas as espécies, também ameaçaram a integridade física da delegação de Honduras. Esses distúrbios podem ser explicados pela alusão feita à violência simbólica presente no futebol.

Por “violência simbólica” não queremos aqui induzir uma interpretação errônea de que jogos de futebol são barris de pólvora prestes a explodir, ou seja, que basta um confronto futebolístico para causar um conflito. Nessa guerra simbólica cada torcida assume seu “espírito clânico” e estabelecem rivalidades por meio de oposição à outra, que em grande parte das vezes é reforçada por cisões históricas, culturais ou por chauvinismos locais¹²⁸. No caso dos torcedores hondurenses e salvadorenos, eles se mostraram hostis às seleções “inimigas” porque elas representavam o país que teoricamente havia ofendido ou mesmo ferido seus pares.

Quando a salvadorenha Amélia Bolaños se suicidou após o resultado da primeira partida – Honduras 1x0 El Salvador – houve uma enorme comoção nacional em torno de sua morte, justificada pela incapacidade de suportar a derrota da seleção do seu país. Foi realizado um cortejo com honras militares e a transmissão pela televisão, o que aumentou mais as tensões para a segunda partida. Havia um sentimento de perda de um

¹²⁶ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, PP 39-40.

¹²⁷ HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 170-171.

¹²⁸ GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p. 24.

ente querido, mesmo que não se conhecessem, pois sofriam todos pelo mesmo motivo, que os unia.

O futebol carrega uma aura de religiosidade maior do que o normalmente é perceptível. O mais comum é que jogadores que se destaquem pelas suas trajetórias, seja nos clubes ou nas seleções, se transformem em “heróis”, “mitos” ou, no mais raro dos casos, em “deuses”¹²⁹. O caso mais notável é o de Maradona, jogador argentino que teve seus méritos esportivos (alguns deles discutíveis, como nas quartas de final da Copa do Mundo de 1986 em que fez um gol irregular) foi alçado à condição de “deus”, o que se consideramos um exagero e um reforço do estereótipo de “arrogante” que os argentinos carregam. Mas nesse caso, foi uma torcedora quem foi alçada a condição de “ídolo”, no sentido de materialização do imaterial¹³⁰. No entanto, o caso de Amelia passou a representar a necessidade de vingança por parte dos salvadorenhos, o que realmente só ocorreu na terceira partida da série.

A carga religiosa não cessa por aí. O esporte tem ainda o seu santuário, onde a cerimônia esportiva pode ser realizada com a presença de todos os seus rituais. Quando a seleção hondurenha foi recebida no estádio Flor Blanca, sua bandeira foi queimada pela torcida rival na arquibancada e seu hino vaiado pelos presentes no estádio, além da forte pressão psicológica pelo qual passaram os jogadores que foram ao estádio em veículos militares do exército salvadorenho.

O Estádio representa o templo da “releição laica” que é o futebol¹³¹, onde os ritos são apresentados aos “fiéis”, os torcedores. A forma de entrada dos jogadores, geralmente perfilados, o silêncio na execução do hino nacional de cada país ali representado, o estilo de jogo praticado pelos times, tudo isso lembra de fato uma cerimônia religiosa, onde a bola é o instrumento sagrado que tem o poder de dar vitórias ou decretar derrotas. Quando o time salvadorenho ganhou a terceira partida da série de confrontos com Honduras, a foto (Figura 4) que estampava a capa do suplemento esportivo de um jornal¹³² dava destaque aos jogadores segurando o símbolo máximo da sua vitória sobre os salvadorenhos: a bola.

¹²⁹ JÚNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 259.

¹³⁰ Ibid., p. 260.

¹³¹ Ibid., p. 258.

¹³² El Diario de Hoy, 30/06/1969.



Figura 4: Jogadores da seleção salvadorenha exibem a bola do jogo como um troféu. El Diario de Hoy, “Suplemento Deportivo”, 30/06/1969.

O futebol, em toda a breve explanação aqui apresentada, representou muito mais que um simples jogo. No contexto da Guerra das Cem Horas esse esporte foi além e agregou vários elementos às tensões vividas fora de campo. Embora os meios de comunicação tenham cravado o conflito como uma “guerra causada pelo futebol”, é possível que, com toda a carga simbólica que estava incrustada em sua trajetória como esporte popular, tenha colaborado muito mais como amplificador das emoções já contidas em hondurenhos e salvadorenhos do que simplesmente como causa, por si só, de um conflito bélico, conforme a expressão “guerra do futebol” sugere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, buscamos analisar atentamente as motivações de El Salvador e Honduras que desencadearam a Guerra das Cem Horas, bem como os elementos que fizeram parte desse conflito, de forma direta ou indireta. Analisamos atentamente a evolução do processo histórico da América Central, a situação interna de El Salvador e Honduras e o crescente desgaste das suas relações, o conflito bélico entre esses dois países e o papel do futebol nesse conflito. A partir disso, foi possível chegar a algumas conclusões.

Em primeiro lugar consideramos as transformações ocorridas em El Salvador e Honduras, entre 1870 e 1969, fundamentais para a formação do quadro de hostilidades presente no período do conflito bélico. Essas transformações foram de cunho econômico, político e social, influenciando diretamente no desenvolvimento interno de cada um desses dois países.

A entrada do capital estrangeiro marcou a mudança nas relações internas com a posse de terras, o modelo exportador e os direitos trabalhistas. As companhias estrangeiras delimitaram suas produções a gêneros voltados apenas para a exportação para o mercado externo, sendo o café em El Salvador e a banana em Honduras. Essa especialização causou a depreciação de outros gêneros agrícolas de consumo interno e uma consequente dependência de bens de consumo vindos do exterior.

A instabilidade política, caracterizada pelos sucessivos golpes e restrições democráticas, também marcou a trajetória de salvadorenhos e hondurenhos e colaborou para formar o quadro crítico da região. Os trabalhadores, ao longo desses quase cem anos, lutaram de forma permanente para que seus direitos fossem ampliados e sofreram as consequências da repressão dos governos, que estavam atrelados às dinâmicas econômicas impostas pelo domínio das companhias estrangeiras. As propostas para integração regional por meio do Mercado Comum Centro Americano serviram como uma solução momentânea e superficial para aliviar os problemas.

Em segundo lugar, o período do conflito – 1969 – foi caracterizado pelas tensões mais nítidas entre salvadorenhos e hondurenhos, envolvendo fronteiras, relações comerciais e a imigração descontrolada. A incapacidade de ambos os países em resolver os diversos conflitos envolvendo a demarcação de fronteiras e a disputa por territórios terrestres e marítimos gerou pequenos choques localizados. A fraca industrialização hondurenha contrastou com a relativa força produtiva salvadorenha, em fase de

desenvolvimento desde a década de 1950, e gerou protestos por parte de Honduras de um suposto desfavorecimento da sua balança comercial em relação aos demais membros do MCCA.

A imigração, fator praticamente ignorado pelos governos ao longo da primeira metade do século XX, ganhou contornos de crise quando a lei de reforma agrária que privava imigrantes salvadorenos de terras foi executada em Honduras. O governo hondurenho forçou o retorno a El Salvador de aproximadamente 10% dos salvadorenos residentes no país. A onda de violência desencadeada contra os salvadorenos após as partidas realizadas pelo torneio eliminatório para o IX Campeonato Mundial de Futebol de 1970 causou revolta em El Salvador e concretizou o rompimento completo das relações entre os dois países.

Nesse ponto, concluímos que o futebol foi apenas um elemento que contribuiu para o agravamento das hostilidades e não o principal motivo. O viés xenófobo protagonizado pelos hondurenhos contra os salvadorenos, além dos atritos anteriores, foi mais decisivo para o início do conflito. Primeiro, a lei de reforma agrária foi categórica em excluir salvadorenos da posse de terras em Honduras e a posterior expulsão desses imigrantes do país representou uma agressão a El Salvador. Depois, a propaganda hondurenha que pregava boicotes a produtos salvadorenos e reproduzia mensagens de ódio contra os mesmos agravou o sentimento hostil. Por último, as emoções descontroladas por conta dos resultados dos jogos de futebol entre os dois países gerou uma onda de agressões mútuas, em maior parte de hondurenhos contra salvadorenos, que representou o estopim da guerra.

A confrontação bélica durou apenas quatro dias, muito em função da falta de objetivos dos dois exércitos e das condições precárias dos armamentos e das tropas empregadas. Nesse curto espaço de tempo, o exército salvadorenho foi mais efetivo, entretanto o conflito terminou praticamente empatado devido ao esgotamento material em ambas as forças. É interessante perceber como a política externa dos Estados Unidos agiu para por fim ao conflito. Com uma atuação histórica na América Latina, primeiro com a Doutrina Monroe, passando pelo “Big Stick” e pela política de vizinhança, e depois da Segunda Guerra Mundial a preocupação era com o avanço do comunismo pelo mundo. Os documentos analisados sugerem uma inclinação dos Estados Unidos a dar autonomia aos países da região para que resolvam os impasses, mas se mantém vigilantes quanto ao tema e exercem uma pressão discreta, que intimida os governos de El Salvador e Honduras.

Por fim, percebemos que o futebol, apesar de não ter sido a causa do conflito por si só, teve papel fundamental nas disputas entre El Salvador e Honduras. Esse esporte teve extremo apelo popular na América Latina, característica que não se desenvolveu com essa plenitude nos territórios administrados pela Inglaterra, desde sua chegada em fins do século XIX. No caso da Guerra das Cem Horas, o futebol exerceu uma participação como agente de afirmação das identidades nacionais de cada torcida envolvida nos jogos.

As relações simbólicas entre o jogo e a realidade fizeram os torcedores se envolverem de uma forma muito séria no jogo e no conflito. Tanto salvadorenhos quanto hondurenhos tinham uma noção de pertencimento a sua respectiva seleção, que representava o seu país em campo. Os distúrbios causados em ambos os países após as partidas eram reflexo desse pertencimento, onde uma derrota ou vitória da sua respectiva seleção significou uma derrota ou vitória da sua torcida, de sua população e de seu país. A maioria dos distúrbios, linchamentos e declarações violentas, assim como o suicídio da jovem torcedora salvadorenha, tiveram relações diretas com os elementos emocionais, psicológicos e simbólicos que compõem esse esporte.

Embora a presente pesquisa tenha sido desenvolvida de forma breve, o exame da importância do esporte em disputas políticas e físicas mostrou-se promissor. Foi possível perceber a linha tênue que caracterizou o futebol como um elemento de união e coesão ao mesmo tempo em que o mostrou como um fator que contribuiu para o agravamento de hostilidades. Foi possível perceber o quanto esporte e política se misturam, contrariando o senso comum que resiste até os dias atuais que prega que esses dois fatores são como água e óleo, ou pelo menos deveriam ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

El Diario de Hoy, 24/06/1969, p. 2.

El Diario de Hoy, 24/06/1969, p. 39.

El Diario de Hoy, 25/06/1969, p. 13.

El Diario de Hoy, 30/06/1969

Document 641. Memorandum From the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger) to President Nixon, Washington, July 9, 1969, disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d641>, acesso em 27/10/2015.

Document 642. Memorandum From the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger) to President Nixon, Washington, July 9, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d642>, acesso em 27/10/2015.

Document 643. Intelligence Note No. 526 From the Director of the Bureau of Intelligence and Research (Hughes) to Secretary of State Rogers, Washington, July 11, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d643>, acesso em 27/10/2015.

Document 644. Memorandum From the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger) to President Nixon, Washington, July 15, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d644>, acesso em 27/10/2015.

Document 645. Memorandum From Viron P. Vaky of the National Security Council Staff to the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger), Washington, July 16, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d645>, acesso em 27/10/2015.

Document 646. Intelligence Note No. 548 From the Director of the Bureau of Intelligence and Research (Hughes) to Secretary of State Rogers, Washington, July 18, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d646>, acesso em 27/10/2015.

Document 647. Memorandum From the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger) to President Nixon, Washington, July 18, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d647>, acesso em 27/10/2015.

Document 648. Memorandum From Viron P. Vaky of the National Security Council Staff to the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger), Washington, July 22, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d648>, acesso em 27/10/2015.

Document 649. Central Intelligence Agency Information Cable, TDCS 314/10866-69, Washington, July 22, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d649>, acesso em 27/10/2015.

Document 650. Telegram 122377 From the Department of State to the Embassy in El Salvador, July 24, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d650>, acesso em 27/10/2015.

Document 651. Telegram 1727 From the Embassy in El Salvador to the Department of State, July 25, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d651>, acesso em 27/10/2015.

Document 652. Telegram 127303 From the Department of State to the Embassies in Honduras and El Salvador, July 31, 1969, disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/d652>, acesso em 27/10/2015.

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional.** Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

ARRIGHI, Juan Michel. **OEA, Organização dos Estados Americanos.** Barueri: Manole, 2004.

BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (orgs.). **A América Latina entre a segunda guerra mundial e a guerra fria.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BOLOGNA, Alfredo Bruno. **El conflicto Honduras-El Salvador.** Buenos Aires: Tierra Nueva, 1977.

BULMER-THOMAS, Victor. Honduras desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930.** Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion. América Central: La era liberal, c.1870-1930. In: BETHEL, Leslie. **Historia de América Latina 9. México, América Central y el Caribe, c.1870-1930.** Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

CHOCANO, Guilherme Molina. Honduras: Da guerra civil ao reformismo (1923-1973). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

DORATIOTO, Francisco. **Espaços nacionais na América Latina: da utopia bolivariana à fragmentação.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUNKERLEY, James. El Salvador desde 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930.** Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

FONSECA, Elisabeth. **Centroamérica: Su história.** San José: FLACSO, 1996.

GERSTEIN, Jorge Arie. **El conflicto entre Honduras y El Salvador: Análisis de sus causas.** Foro Internacional, vol. 11, nº 44, Apr-Jun 1971.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JÚNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KAPUSCINSKI, Ryszard. A guerra do futebol. In: _____. **A guerra do futebol e outros relatos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MALERBA, Jurandir. Nuevas perspectivas y problemas. In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Historia general de América Latina: Teoría y metodología em La Historia de América Latina**. UNESCO, 2006.

PINEDA, Carlos Pérez. **El conflicto Honduras-El Salvador, Julio de 1969**. San José: MERC, 2014.

RINKE, Stefan. Historias del fútbol em América Latina: História de sociedades y culturas. In: RIBEIRO, Luiz (org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

RIVAS, Edilberto Torres. América Central desde 1930: perspectiva general. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 14. América Central desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

VALIENTE, Mario Salazar. El Salvador: Crise, ditadura, luta (1920-1980). In: CASANOVA, Pablo González (org.). **América Latina: história de meio século**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

Sites

Bangu A.C.: <http://www.bangu-ac.com.br/historia.htm>

FIFA:

<http://www.fifa.com/worldcup/archive/mexico1970/groups/preliminaries/nccamerica/index.html>

Arquivos do Departamento de Estado, fundo “Soccer War”:

<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve10/ch19>

Mapa da América Central: <http://www.mapasparacolorear.com/continentes/>

Jornal El Comercio: <http://elcomercio.pe/blog/huellasdigitales/2010/07/la-guerra-del-futbol-una-histo>

História de Honduras: <http://www.historiadehonduras.hn/Investigaciones/Guerra3.jpg>